

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

VIVIANE TARTAROTI

**O TURISMO NO PROCESSO DA GLOBALIZAÇÃO:**  
uma análise dos fluxos do turismo internacional no Brasil

SÃO PAULO  
2015

VIVIANE TARTAROTI

**O TURISMO NO PROCESSO DA GLOBALIZAÇÃO:**  
uma análise dos fluxos do turismo internacional no Brasil

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de Geografia  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas, da Universidade de São Paulo,  
para obtenção do título de Bacharel em  
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas  
Júnior

SÃO PAULO  
2015

Nome: TARTAROTI, Viviane

Título: O Turismo no Processo da Globalização: uma análise dos fluxos do turismo internacional no Brasil

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de Geografia  
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas, da Universidade de São Paulo,  
para obtenção do título de Bacharel em  
Geografia.

**Aprovado em:**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Júnior      Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Fabio Betioli Contel      Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz      Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Uma monografia representa um pontinho final da graduação, mas desenha traços sobre os quais se encontram pessoas importantes.

Por isso, começo agradecendo a meus pais e a meu irmão por apoiarem minhas caminhadas com amor.

Ao professor Ricardo Mendes, minha admiração e respeito. Agradeço à feliz orientação, às conversas que me foram muito importantes, à paciência e à sensibilidade.

Fico muito feliz em poder agradecer a todos os professores do curso, em especial, à professora Rita de Cássia Cruz, pelas enormes contribuições que me trouxeram luz ao turismo através da Geografia.

Agradeço aos amigos e companheiros de trabalho da Fipe pela confiança e por toda harmonização.

Ao meu amor Claudius e à querida amiga Marianinha, que, dividindo o mesmo teto, compartilharam, além de espaço e tempo, reflexões para realização deste trabalho.

Ao meu irmão Rafael e à minha geógrafa preferida Flávia, agradeço por todo apoio na revisão dessa monografia, pela alegria da amizade e pelas boas discussões.

Por fim e com muito apreço, agradeço a meus colegas da universidade, que compartilharam grande aprendizado, dentro e fora da sala de aula.

## **RESUMO**

As principais estatísticas geradas a respeito do turismo internacional revelam importantes aspectos do turismo brasileiro inserido no mundo capitalista globalizado. É reconhecida a relevância do turismo na economia dos principais países e regiões que conseguem desenvolver fixos e fluxos relacionados à atividade. Os territórios emitem ou recebem os fluxos turísticos, que deslocam turistas, divisas e informações. Tais fluxos são cada vez mais intensos na medida em que os progressos tecnológicos proporcionam maiores acelerações aos movimentos de pessoas no espaço geográfico. Embora, no mundo globalizado, a intensidade desses fluxos possua importância e dimensões cada vez maiores e com foco no fluxo de divisas, as viagens não giram apenas em torno de fatores econômicos, assim como a atratividade turística de um lugar não ocorre apenas em torno de infraestrutura e marketing. Este trabalho pretende dar tratamento geográfico às principais estatísticas sobre o turismo brasileiro, proporcionando reflexões para uma compreensão mais crítica das intenções e dos impactos do turismo moderno, principalmente, de países em desenvolvimento, como o Brasil.

**Palavras-chave:** Turismo Internacional. Estatísticas. Globalização.

## **ABSTRACT**

The main statistics about international tourism reveal important aspects of Brazilian tourism as part of the globalized capitalist world. The relevance of tourism for countries' and regions' economies that can develop tourist fixes and flows is recognized. Territories send or receive tourist flows, which move tourists, foreign exchange and information. Such flows are becoming more intense, to the extent that technological advances provide higher accelerations to the movements of people in the geographic space. Although, in the globalized world, the intensity of these flows is of increasing importance, in particular, along with foreign currency inflows, tourism is not only about economic factors, as well as the attractiveness of a place is not only determined by infrastructure and marketing. This work aims to take a geographical approach regarding main statistics about Brazilian tourism, providing reflections to a more critical understanding of the intentions and impacts of modern tourism, particularly, of developing countries like Brazil.

**Keywords:** International Tourism. Statistics. Globalization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Principal meio de transporte origem-destino utilizado pelo turismo receptivo internacional no mundo, em 2013.....	19
Figura 2 - Principal motivação de viagem do turismo internacional no mundo, em 2013.....	19
Figura 3 - Comportamento do fluxo turístico internacional 2000-2014, em milhões de chegadas.....	22
Figura 4 - Taxa de crescimento do turismo mundial e da economia, de 2000 a 2012.....	23
Figura 5 - Chegadas internacionais de turistas e receita cambial, de 2008 a 2013.....	24
Figura 6 - Mapa da Geografia do Turismo, por Philippe Rekacewicz.....	28
Figura 7 - Principais países receptores de turistas internacionais, em 2013.....	31
Figura 8 - Participação do turismo internacional do Brasil na América do Sul (em %).....	32
Figura 9 - Participação do turismo internacional do Brasil no mundo (em %).....	33
Figura 10 – Mapa dos principais países emissores de turistas ao Brasil, em 2013.....	37
Figura 11 - Chegadas de turistas internacionais ao Brasil, por vias de acesso nos principais estados, em 2013.....	41
Figura 12- Distribuição dos principais destinos brasileiros visitados pelo fluxo turístico internacional, em 2012, em %.....	44
Figura 13 – Distribuição da população municipal brasileira, em 2010.....	45
Figura 14 – Principal atrativo de viagens a lazer para o Brasil, 2004-2013.....	46
Figura 15 – Permanência média do turista internacional no Brasil, 2004-2013.....	47
Figura 16 – Tipo de alojamento utilizado na cidade brasileira em que permaneceu mais tempo, 2004-2013.....	48
Figura 17 – Gasto média per capita dia no Brasil, 2004-2013.....	50
Figura 18 – Distribuição mensal do turismo receptivo internacional no Brasil, 2013.....	52
Figura 19 – Principal motivo de viagem e principal atrativo de viagens a lazer dos turistas residentes dos Estados Unidos que visitaram o Brasil, em 2013 (%).....	54

Figura 20 – Gasto médio per capita dia no Brasil (US\$) dos turistas residentes dos Estados Unidos, em 2013, por motivação de viagem.....	55
Figura 21 - Principal motivo de viagem e principal atrativo de viagem a lazer dos turistas residentes da Argentina que visitaram o Brasil, em 2013 (%).	56
Figura 22 - Gasto médio per capita dia no Brasil (US\$) dos turistas residentes da Argentina, em 2013, por motivação de viagem.....	56
Figura 23 – Movimentação de turistas emissivos e receptivos internacionais do Brasil.....	58
Figura 24 – Gastos e saldo de turistas emissivos e receptivos internacionais do Brasil.....	59
Figura 25 – Mapa da distribuição dos principais países visitados por turistas brasileiros e UFs brasileiras emissoras de turistas ao exterior, em 2013.....	60
Figura 26 – Turistas brasileiros que realizaram sua primeira visita ao exterior.....	62
Figura 27 – Principal motivo de viagem ao exterior (%).	63
Figura 28 – Principal motivo de viagem a lazer dos turistas brasileiros ao exterior, em 2013 (%).	64
Figura 29 – Comparativo entre permanência e gasto médios dos turistas receptivo (viagem ao Brasil) e emissivo (viagem ao exterior) do Brasil, em 2013, por motivação de viagem.....	65
Figura 30 – Principal tipo de alojamento utilizado no exterior pelo turista brasileiro, em 2013 (%).	66
Figura 31 – Composição de grupo de viagem do turista brasileiro ao exterior, em 2013 (%).	67
Figura 32 – Principal motivo da viagem, por país de destino, em 2013 (%).	69
Figura 33 – Principal atrativo da viagem de lazer ao exterior, por país de destino, em 2013 (	70
Figura 34 – Composição do grupo turístico do Brasil, por país de destino, em 2013 (%).	71
Figura 35 – Principal meio de hospedagem utilizado na cidade em que permaneceu mais tempo, por país de destino, em 2013 (%).	72
Figura 36 – Gasto médio per capita dia, por país de destino, em 2013 (US\$).	73
Figura 37 – Permanência média, por país de destino, em 2013 (dias).	74
Figura 38 – Renda média individual do turista brasileiro, por país de destino, 2004-2013 (US\$).	74

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Chegadas de turistas internacionais no mundo 2012-2013, por país receptor.....	24
Tabela 2 - Receitas geradas pelo turismo internacional 2012-2013, por país receptor.....	25
Tabela 3 - Principais países emissores do turismo internacional, por volume de gastos de turistas 2012-2013.....	26
Tabela 4 - Chegadas de turistas internacionais 1990-2013, por região de origem.....	27
Tabela 5 - Principais países receptores de turistas internacionais, de 2008 a 2013.....	30
Tabela 6 - Chegadas de turistas internacionais no mundo, de 1999 a 2013 (milhões de chegadas).....	34
Tabela 7 - Principais países emissores de turistas ao Brasil, em 2013.....	36
Tabela 8 - Movimentação nacional e internacional de passageiros em aeroportos do Brasil, em 2013.....	42
Tabela 9 – Principais municípios brasileiros visitados pelo fluxo turístico internacional, em 2013.....	43
Tabela 10 – Principais UFs emissoras de turistas internacionais do Brasil.....	61
Tabela 11 – UF de residência do turista brasileiro, por país de destino, em 2013.....	68
Tabela 12 – Outros países visitados por turistas brasileiros, por um país de destino, em 2013 (%).....	75

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FIXOS E FLUXOS NO TURISMO.....	13
3	AS ESTATÍSTICAS SOBRE O TURISMO.....	14
4	O FLUXO TURÍSTICO INTERNACIONAL NO MUNDO.....	17
4.1	Definição do turismo internacional.....	17
4.2	A dimensão dos fluxos turísticos internacionais.....	21
5	O BRASIL NO CONTEXTO MUNDIAL.....	29
5.1	Turismo internacional em relação ao doméstico, no Brasil.....	39
5.2	Turismo receptivo internacional no Brasil.....	40
	<i>Os principais países emissores do turismo internacional ao Brasil.....</i>	<i>52</i>
5.3	Turismo emissor internacional do Brasil.....	57
	<i>Os principais países receptores do turismo internacional do Brasil.....</i>	<i>67</i>
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno do turismo moderno é fato relevante na sociedade atual e possui dimensões crescentes dos fluxos de pessoas, divisas e informações mobilizados, agindo como “produtor, consumidor e organizador de espaços.” (RODRIGUES, 1996, p. 18).

A atividade do turismo, no espaço geográfico, se organiza com “transformações, diretamente, a pelo menos três porções [...]: sobre os polos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e os núcleos receptores de turistas” (CRUZ, 2003, p. 21).

Mesmo sendo um “fenômeno econômico, social, político e cultural dos mais expressivos da sociedade dita pós-industrial” (RODRIGUES, 1996, p. 17), a maior parte dos estudos e pesquisas enfoca seus aspectos econômicos e de mercado, considerado os fluxos de pessoas, divisas e informações que é capaz de gerar entre territórios.

O presente trabalho pretende dar tratamento geográfico às estatísticas produzidas acerca dos fluxos de turistas internacionais<sup>1</sup> do Brasil, considerando o discurso e intenções que carregam e seu potencial de ação sobre determinado conjunto de fluxos e fixos no território.

Os fixos constituem os lugares emissores e receptores, enquanto os deslocamentos comportam os fluxos que ficam cada vez mais intensos à medida que os progressos tecnológicos proporcionam maiores acelerações aos movimentos de pessoas no espaço geográfico.

Anualmente, no Brasil, é realizada uma pesquisa sobre os fluxos emissivo e receptivo do turismo internacional brasileiro<sup>2</sup>, que condiz com uma das principais pesquisas do Ministério do Turismo. As estatísticas levantadas por essa pesquisa e por outras sobre o tema permitem compreender o turismo moderno como “uma das formas de reprodução do capital e de captação de divisas no comércio exterior” (RODRIGUES, 1996, p. 18), vulnerável às crises econômicas, às políticas cambiais, às relações diplomáticas e políticas de fronteiras, e à renda, ao tempo livre do trabalho e ao consumo.

---

1 O fluxo de pessoas que viajam para destinos de países diferentes de seu país de residência, realizando ao menos um pernoite.

2 Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil, do Ministério do Turismo. Disponível em: <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/demanda\\_turistica/internacional](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/demanda_turistica/internacional)>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Assim, o turismo não deve ser tratado como uma indústria, mas como um fenômeno muito mais abrangente de prática social, cuja abordagem metodológica da Geografia aos dados disponíveis pode trazer luz a esse aspecto da sociedade contemporânea ainda pouco compreendido.

Nesse sentido, pensar, primeiramente, a respeito das metodologias e intenções que envolvem as pesquisas é essencial para trabalhar tanto as potencialidades quanto as limitações de resultados, além de generalizações, hierarquizações e comparações, tão frequentemente praticadas.

Sobre as comparações e suas limitações, por exemplo, pode-se ponderar que:

“Esse método não é suficiente, pois a comparação se faz apenas entre as manifestações objetivas de uma multiplicidade de interações de natureza múltipla. E não basta querer alcançar as causas profundas desses resultados aparentes. Na realidade, a atenção do pesquisador deve ater-se inicialmente à pesquisa dessas causas.” (SANTOS, 2013, p. 23).

Nas estatísticas mais divulgadas sobre o turismo mundial, prevalecem *rankings* que concentram informações como divisas, renda e empregos movimentados pela atividade. Esse modo de apresentar e comparar conteúdos a respeito do turismo entre países ou regiões não se aprofunda na complexidade do fenômeno e sua construção, e ainda sugere que os primeiros colocados possam servir como modelo de sucesso para os demais. Assim, primeiras posições em *rankings* não garantem que o turismo esteja se desenvolvendo de forma benéfica nesses lugares, e, ainda que esteja, seu exemplo pode não ser favorável a outros, pois cada lugar possui uma história e um conjunto de condições e potencialidades próprios.

Por isso, conhecer e analisar criticamente os conteúdos que permeiam as estatísticas produzidas sobre o turismo internacional no Brasil é importante e permite avançar sobre como tais pesquisas orientariam o desenvolvimento de um turismo que valorize e permita os impactos positivos em suas diferentes escalas espaço-temporais, e até mesmo que valorize o contato com o outro e a possibilidade de expansão e reconhecimento de novos mundos.

## 2      **FIXOS E FLUXOS NO TURISMO**

O conceito de fixos e fluxos desenvolvido por Milton Santos considera que o espaço é “definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”, que, configuram o território e as relações sociais (SANTOS, 2008, p.105).

“Os fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam”. (SANTOS, 2009, p. 61-62).

Os fixos relacionados ao turismo remetem, tanto nos espaços emissores de fluxos quanto nos espaços receptores, a equipamentos e infraestruturas utilizadas pelo turista, e também à paisagem, ao residente e ao turista em si. Já os fluxos condizem com os movimentos dos turistas, de capitais e de informações e significados. No caso do turismo internacional, as relações se estabelecem, basicamente, entre países e blocos de países, abrangendo fixos e fluxos em escala mundial.

Entender o turismo moderno no contexto da Globalização a partir dos fixos e fluxos possibilita conhecer os processos que transformam o espaço e permitem relações muitas vezes desiguais e contraditórias.

Nesse ambiente, a intensificação dos fluxos do turismo mundial torna os fixos relacionados à atividade no destino cada vez mais especializados, porém, limitados à contradição de transformar fixos originais com padrões internacionais de serviços e infraestrutura para atração de mais fluxos, desencadeando a transformação de atrativos espontâneos e genuínos em atrativos artificiais e homogêneos, lidando com divergentes interesses de sujeitos sociais envolvidos. Além disso, a consolidação de um destino turístico é “resultado de um feixe de ações e relações, fatores endógenos e exógenos cujo comando, no mais das vezes, não pertence ao lugar receptor” (CRUZ, 2006, p. 338) e se constrói com influência preeminente dos principais núcleos emissores, nacionais e internacionais.

Nesse contexto, as estatísticas do turismo brasileiro situam a atividade na economia mundializada e na dinâmica da distribuição espacial da riqueza, e fornecem subsídios para o planejamento do setor, seguindo a ênfase do Estado como indutor de um turismo massivo e

internacionalizado, cujos fluxos dos principais lugares receptores se constroem e se transformam sobre as dinâmicas do fluxo do capital internacional.

### 3 AS ESTATÍSTICAS SOBRE O TURISMO

Estudar os tão diversos fluxos que se desenham pelo mapa-múndi e agem sobre o espaço é tarefa bastante desafiadora, sobretudo quando se propõe investigá-los juntamente com fluxos como os de capital e de informação, e ainda interpretá-los em suas grandezas numéricas e proporções globais estimadas.

Como atividade que movimenta fluxos entre e por territórios, o turismo se faz relevante dentro do processo de reprodução capitalista e da Globalização, com a maior parte dos estudos e pesquisas sobre o tema com viés econômico, embora a atividade reúna um conjunto de aspectos de maior complexidade e dinâmicas espaciais.

A importância mundial do turismo como atividade econômica é sedimentada por organizações como o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (*World Travel & Tourism Council* - WTTC), o *Internacional Congress and Convention Association* (ICCA) e a Organização Mundial do Turismo (OMT) – agência da Organização das Nações Unidas (ONU) e mais importante representação relacionada ao turismo mundial.

No Brasil, as instituições de maior representação para o turismo são o Ministério do Turismo (MTur), criado em 2003, e a Embratur - Empresa Brasileira de Turismo, além de entidades segmentadas, como a Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (BRAZTOA), a [Associação Brasileira de Agências de Viagem \(ABAV\)](#), a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), entre outras.

As informações levantadas acerca do fenômeno do turismo no país, normalmente, provêm de estudos e pesquisas executadas por entidades públicas, privadas ou de economia mista, como a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na academia, os primeiros cursos específicos de Turismo do Brasil surgiram nos anos 1970, quando a Geografia já apresentava esforços na busca de compreender esse fenômeno e seus impactos sobre o território.

Mesmo com organizações formais para tratar o tema e com as pesquisas já desenvolvidas, o turismo mundial ainda não domina um sistema integrado e padronizado de

informações, além de raramente conceber estudos que empreendam pelo entendimento de toda sua complexidade, e não apenas do caráter econômico e mercadológico da atividade.

Segundo Knafou (1999, p. 63), a dificuldade de ponderar o peso do turismo sobre a sociedade moderna leva tanto à sua “subavaliação” quanto à “superavaliação”, dependendo dos interesses e motivos de quem a faz. Em ambos os casos, o autor lembra a intensa e complexa sazonalidade da atividade, “muito trabalho escondido”, “muita opacidade fiscal”, a utilização de infraestruturas indiretas à atividade, como elementos que contribuem para a dificuldade da mensuração e caracterização de fluxos.

O exercício de construir conhecimento a partir das pesquisas e suas inferências considera, além das proporções e dimensões numéricas das variáveis, uma leitura crítica dos objetivos envolvidos e das metodologias empregadas, buscando uma análise das relações interescares e de uma série histórica.

Distinguir e compreender as metodologias de pesquisa utilizadas para obtenção de determinados dados estatísticos pode ser estratégico para um estudo na medida em que tais procedimentos são expostos a um conjunto de particularidades durante o levantamento dos dados primários, representando um interessante adendo de informações que nem sempre são registradas e formatadas na consolidação e divulgação dos resultados da pesquisa.

Desse modo, as experiências com os procedimentos de campo - isto é, o conhecimento adquirido durante a execução do levantamento de dados - dizem muito a respeito do que as variáveis estudadas projetam como ramificações que, provavelmente, não seriam registradas em formulário, mas que podem ser valiosas para compreender as condições de campo e as limitações de uso e análise dos dados.

Por isso, quando o pesquisador levanta dados primários conhecendo as dinâmicas e condições do território e de seus fixos e fluxos, ele compreende melhor possíveis limitações e distorções da metodologia utilizada ou nos dados coletados, e, por consequência, consegue lidar com informações mais realistas e que consideram as singularidades locais com maior coerência e confiabilidade para sua análise.

Isso explicita o cuidado que se deve ter ao realizar a mesma metodologia de pesquisa em diferentes escalas ou localizações, pois a aplicação de uma metodologia para levantamento de estatísticas pode funcionar bem para determinado lugar, mas deverá ser reconsiderada e adaptada para outros.

Esse é o tipo de experiência construída a partir da aplicação de metodologias de levantamento de dados, em especial, para o projeto de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil, realizados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) para o Ministério do Turismo, desde o ano de 2005.

Durante as atividades de campo, questões sobre as singularidades dos fixos e fluxos de diferentes localidades de execução da pesquisa são trabalhadas sem deixar de manter uma aplicação de metodologia padronizada com o intuito de obter dados confiáveis e sem vieses. O desafio é lidar com aplicação de um mesmo questionário e método para diferentes fluxos de pessoas e em diferentes condições de abordagem e aplicação de pesquisa.

Essa leitura abrange tanto às variáveis em si quanto seus valores levantados, entendendo que:

“Nunca devemos esquecer que o que torna mensuráveis, ou, em todo caso, significativas, as variáveis de análise não é o seu valor absoluto, o que, aliás, elas não tem. O seu valor é sempre relativo e surge no interior do sistema em que se encontra e em relação com as demais variáveis presentes” (SANTOS, 2008, p. 60).

Assim, além dos desafios das entrevistas, os resultados gerados por essa pesquisa, que é a principal pesquisa sobre turismo internacional no Brasil<sup>3</sup>, demandam uma leitura que os insira no sistema-mundo, no espaço da Globalização, contrapondo a atividade econômica com outros processos dinâmicos, interescares e de construção histórica e social do turismo.

Atualmente, a padronização das metodologias de pesquisas sobre a atividade turística na região do Cone Sul tem sido tema de estudos e debates apoiados pela OMT. O projeto, nomeado Projeto Conesul - Projeto de Harmonização dos Sistemas de Estatísticas de Turismo nos Países do Conesul e apoiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), reúne os países Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade das estatísticas turísticas desses países e promover uma coerência entre os principais instrumentos de observação e mensuração da atividade turística nos países dessa região do Cone Sul (BRASIL, 2013b).

Esse projeto no Brasil engloba o Plano Nacional Estratégico de Estatísticas Turísticas, que define diretrizes estratégicas para as estatísticas sobre a atividade turística brasileira e pretende renovar os projetos de pesquisa sobre o turismo internacional, o turismo doméstico e os meios de hospedagem, realizadas pelo Ministério do Turismo.

---

<sup>3</sup> Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil, do Ministério do Turismo.

Dentre os projetos citados, é o projeto do turismo internacional que tem concentrado maior atenção e esforços, e cujas estatísticas geradas serão estudadas nos próximos capítulos deste trabalho.

## **4 O FLUXO TURÍSTICO INTERNACIONAL NO MUNDO**

### **4.1 Definição do turismo internacional**

A primeira parte deste capítulo traçará um cenário sobre o turismo internacional no mundo e no Brasil, esclarecendo conceitos fundamentais utilizados nos estudos do Turismo.

Começando por duas definições importantes que orientam a compreensão dos fluxos turísticos e serão consideradas no presente estudo, têm-se:

1. Turismo doméstico, que se caracteriza pela viagem com origem e destino dentro do mesmo país de residência do viajante;
2. Turismo internacional, que se define pela viagem que envolve diferentes países como origem-destino, tendo como referência de origem o país de residência do viajante.

Ainda se baseando na perspectiva de origem e destino do viajante para as referências do fluxo, pode-se classificar o turismo como emissivo ou receptivo. Da perspectiva do fluxo turístico internacional, o turismo emissivo de determinado país se define tendo o país de residência como a referência de país emissor de fluxo turístico para outros países. No caso do fluxo do turismo receptivo, a perspectiva se inverte, tendo não residentes visitando o país de referência, que se configura como destino receptor de viajantes internacionais.

O glossário do Anuário Estatístico de Turismo 2014, do Ministério do Turismo (MTur), define:

<b>Turismo Emissivo</b>	<b>Turismo Receptivo</b>	<b>Turismo Interno</b>
Abrange as atividades realizadas por um visitante residente fora de seu país/localidade de residência permanente, como parte de uma viagem turística ou de uma viagem de turismo interno.	Inclui as atividades realizadas por um visitante não residente no país/localidade de residência permanente, como parte de uma viagem turística ou de uma viagem de turismo receptivo.	Engloba as atividades realizadas por um visitante residente dentro de seu país/localidade de residência permanente, como parte de uma viagem turística interna ou de uma viagem de turismo emissivo.
Fonte: RIET 2008 - Ver p.16, § 2.39.	Fonte: RIET 2008 - Ver p.15, § 2.39.	Fonte: RIET 2008 - Ver p.15, § 2.39.

No que tange ao contexto do viajante, a definição básica para “turista” parte do conceito de “visitante” que se divide entre o “turista” - visitante com ao menos um pernoite no destino – e o “excursionista” – visitante que não pernoita no destino, ou seja, realiza viagem de apenas um dia.

As definições expostas são estabelecidas em manuais da Organização Mundial do Turismo (OMT) e servem como categorias básicas para estudos que objetivam dimensionar e caracterizar os fluxos do turismo nos territórios.

O mais recente documento que organiza e orienta esses aspectos do turismo divulgado pela OMT (2010) é o de recomendações internacionais para estatísticas do turismo<sup>4</sup>, que também discorre sobre os aspectos da viagem que podem ser considerados nos estudos com maior ou menor aprofundamento, dependendo de cada objetivo. Os principais deles são:

- Origem e destino
- Duração da viagem
- Meios de transporte
- Principal motivo da viagem
- Período da viagem (mensuração de sazonalidade)
- Tipos de hospedagem
- Tipo de produto ou segmento turístico
- Organização da viagem (utilização de agência ou operadora de viagens)
- Gastos com a viagem

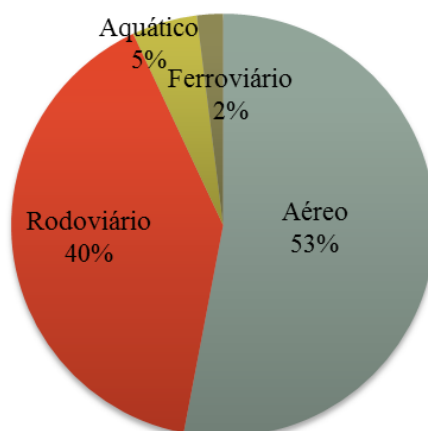
Com o intuito de ilustrar duas inserções estatísticas que abrangem alguns dos elementos citados, são expostos dois gráficos extraídos de um relatório anual<sup>5</sup>, também da OMT e que é referência mundial de informações sobre o turismo.

---

4 UNWTO. International Recommendations for Tourism Statistics 2008 - Compilation Guide, 2010. p.29. Tradução livre da autora.

5 UNWTO Tourism Highlights, 2014 Edition.

**Figura 1 - Principal meio de transporte origem-destino utilizado pelo turismo receptivo internacional no mundo, em 2013**

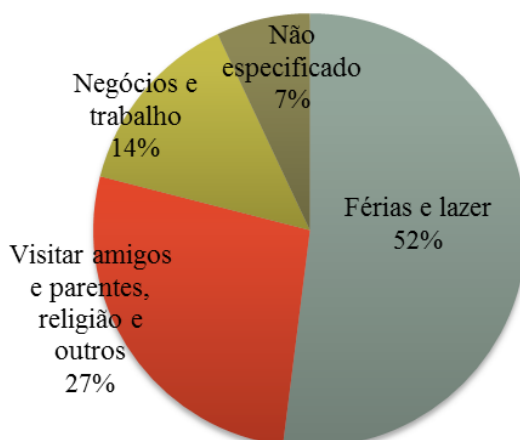


Fonte: OMT. *UNWTO Tourism Highlights*. 2014. Tradução própria.

No primeiro gráfico, os meios de transporte entre origem-destino são categorizados por aéreo; rodoviário, ferroviário e aquático. No contexto mundial, em 2013, os dois modais mais utilizados pelo fluxo turístico internacional, com 93% do total, são o aéreo (53%) e o rodoviário (40%).

As estruturas de transporte são fixos essenciais ao desenvolvimento da atividade turística, pois são condições para deslocamento entre origem-destino do turista, ou seja, são condições fundamentais de acesso. Esses fixos e suas particularidades influenciam diretamente os fluxos, que são segmentados e diferenciados, pelas estatísticas internacionais, em função do meio de transporte utilizado.

**Figura 2 - Principal motivação de viagem do turismo internacional no mundo, em 2013.**



Fonte: OMT. *UNWTO Tourism Highlights*. 2014. Tradução própria.

O segundo gráfico apresenta informações sobre a principal motivação de viagens internacionais no mundo, em 2013. As categorizações trabalhadas são Lazer, recreação e férias; Negócios e trabalho; Visitar amigos e parentes, religião, saúde, outros; Não especificado. As motivações de viagem, influenciadas pelos fixos, podem também ressignificar ou criar fixos nos territórios do turismo.

Pelo gráfico, observa-se que o principal motivo das viagens internacionais realizadas no mundo, em 2013, foi Lazer, recreação e férias, para mais da metade dos turistas (52%). Pode-se destacar que, mesmo que tais categorias utilizadas para enunciar motivação de viagem não se bastem diante da complexidade que permeia motivações de deslocamento com suas incontáveis possibilidades, o estabelecimento de uma categorização básica é importante para a criação de um sistema de informações padronizadas, que poderá ser adaptada conforme o objetivo de cada estudo.

Assim, dependendo do objeto da pesquisa, as motivações de viagem e outros aspectos podem ser trabalhados a partir das categorias básicas pré-estabelecidas, de modo restritivo ou ampliado pela inserção de novas categorias e de enunciados complementares ao tema com subcategorias. Por exemplo, inserção de categorias sobre motivação de viagem por aprovação social ou *status* de viajante; inclusão de subcategorias da motivação Lazer, como Cultura, Natureza, Sol e Praia; ou ainda categoria de mensuração de graus de necessidade ou de desejo de viajar.

Outro exemplo é a decisão por definir como turista o indivíduo que apresenta “trabalho e negócios” como principal motivação de viagem. Para os números absolutos do turismo internacional, incluir o perfil do viajante a negócios e trabalho, assim como outras motivações que não lazer (saúde e estudos, por exemplo) tem valorizado a atividade em sua participação na economia e na demanda por infraestruturas.

Ao optar pela inclusão de categorias desvinculadas a lazer e férias do trabalho, como ‘negócios e trabalho’, um estudo sobre impactos econômicos do turismo se torna mais abrangente e considera que esse tipo de viajante a negócios também ‘consome’ infraestruturas específicas do turismo - hotelaria, transportes e restaurantes -, e apresenta potencial de realizar visitas a atrativos turísticos no tempo livre de seu trabalho. Por outro lado, também pode ser estratégico abrir mão dessa categoria caso se pretenda um estudo mais específico, como estudos sobre sazonalidades de fluxos turísticos ou sobre turismo e férias do trabalho.

## **4.2 A dimensão dos fluxos turísticos internacionais**

Com base nas definições expostas, prossegue-se para a assimilação dos principais conteúdos divulgados sobre a dimensão e as características do turismo internacional no mundo, a partir de pesquisas e estudos realizados pelas principais instituições do setor.

Embora os impactos da atividade do turismo no mundo compreendam questões não exclusivamente econômicas, percebe-se que os impactos econômicos são muito aclamados dentre as estatísticas e informações geradas. Tal fato ocorre, principalmente, em função das divisas que países ou localidades receptoras conseguem ou almejam receber com o desenvolvimento do turismo – cujas condições e dinâmicas envolvidas não fogem às de outras atividades inseridas no sistema capitalista global.

Os fluxos de viajantes, informações e capitais que a atividade turística movimentam geram impactos diversos nos territórios, se concentrando como em ilhas sobre as quais e a partir das quais se produz uma cadeia de impactos articulados, de maior ou menor intensidade, abrangendo diferentes escalas espaciais.

Visto isso, a ocorrência do fenômeno do turismo pelo território é prática social do contexto moderno e está inserido na lógica de reprodução capitalista e da transformação em valor de troca em detrimento do valor de uso, o que amplia “a economização da vida social, mudando a escala de valores culturais, favorecendo o processo de alienação de lugares de homens” (SANTOS, 2008, p. 121).

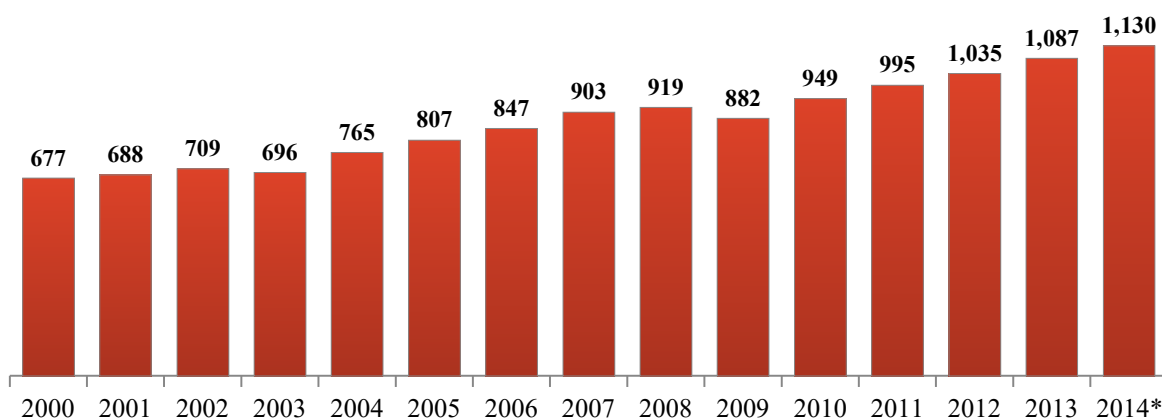
É nessas circunstâncias que expressiva parcela das publicações e pesquisas a respeito do turismo no Brasil e no mundo trata desse fenômeno, dedicando ao turismo importância e expressividade como atividade de consumo e da Globalização, enfatizando a circulação de divisas entre países e regiões. Conforme coloca Knafo (1999, p. 69), o campo de pesquisa dominado pela visão econômica:

“resulta da situação comum, de domínio da pesquisa do campo do turismo, por interesses econômicos que concorrem para ver neste fenômeno somente sua face mercante e governada pela empresa turística (viajeiras, operadores de turismo, transportadora hoteleiros, donos de restaurantes etc.). [...], todas essas coisas são interessantes, mesmo indispensáveis, mas não resumem uma reflexão sobre o fenômeno e a natureza ainda mal conhecida do que seja o turismo e suas práticas.”

Algumas informações, como a visualização dos principais países emissores e receptores mundiais junto à participação do Turismo no Produto Interno Bruto (PIB), revelam a dimensão da atividade inserida no contexto da economia globalizada.

Segundo o relatório de indicadores do turismo mundial, organizado pelo Ministério do Turismo (MTur) a partir de dados da OMT, o fluxo de turistas entre países, desde 2000, apresenta crescimento relativamente constante, chegando a mais de um bilhão de turistas em 2012 (Figura 3). No mundo moderno, os fluxos tendem a ser crescentes e o movimento de turistas internacionais segue essa tendência. Para 2014, a OMT estimou 1,13 bilhão de chegadas de turistas internacionais no mundo.

**Figura 3 - Comportamento do fluxo turístico internacional 2000-2014, em milhões de chegadas**



Fonte: Adaptado de BRASIL. Ministério do Turismo. Indicadores de turismo no mundo 2012; BRASIL. Ministério do Turismo. Estatísticas Básicas do Turismo Brasil 2008-2013. Agosto 2014.

Nota: \*= Estimativa da OMT para o ano de 2014.

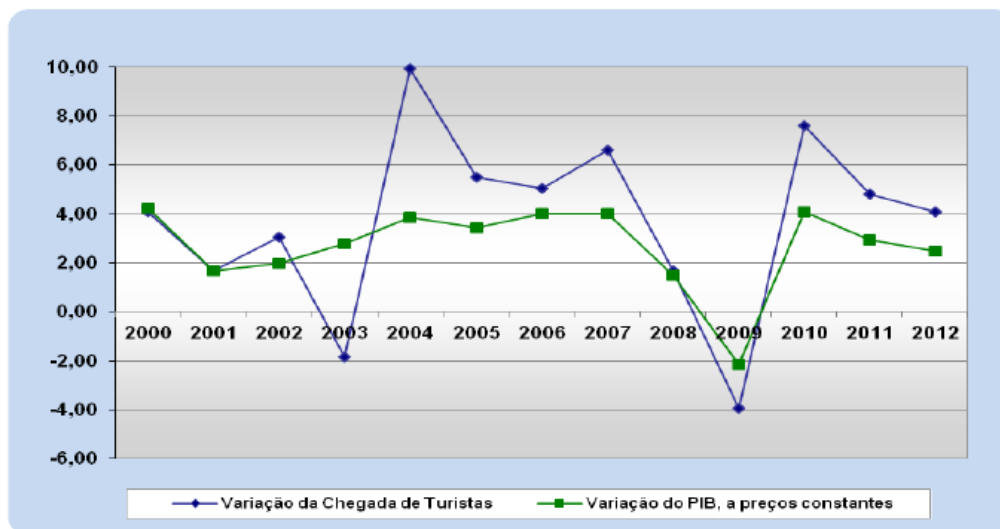
As variáveis econômicas que influenciam ou consolidam a atividade do turismo internacional são diversas, mutáveis e podem atuar direta ou indiretamente sobre o tema. Já as variáveis como clima, intempéries, guerras ou distâncias dificilmente podem ser alteradas, embora sejam passíveis de superação num mercado capaz de formatar e promover produtos com apelos que podem ser bastante extravagantes.

Dependendo do grau de importância do turismo na economia mundial, alguns aspectos são mais facilmente condicionados aos interesses do mercado turístico, como é possível ocorrer com as políticas de câmbio, com as relações diplomáticas entre países (vistos), taxas sobre transações financeiras no exterior, realização de eventos internacionais, investimentos em divulgação de destinos ou em infraestruturas usadas pelo turismo.

O desenvolvimento da atividade do turismo internacional pode se relacionar com as grandes crises financeiras ou com momentos de aquecimento da economia. Os impactos da economia sobre o fluxo de turistas no mundo podem indicar como o desempenho do turismo moderno, alinhado ao fenômeno da Globalização e ao turista como consumidor, é bastante vulnerável às oscilações da economia mundial e às relações entre países e blocos econômicos.

Os períodos de crises originadas nas principais regiões emissoras e receptoras do turismo mundial acompanham variações menores e até negativas do fluxo internacional de turistas no mundo. É possível observar, por exemplo, na Figura 4, os impactos no fluxo mundial de turistas ocorridos em função das crises econômicas de 2008 e 2009, nos Estados Unidos, e de 2011 e 2012, na Europa – região mais visitada do mundo<sup>6</sup>.

**Figura 4 - Taxa de crescimento do turismo mundial e da economia, de 2000 a 2012**



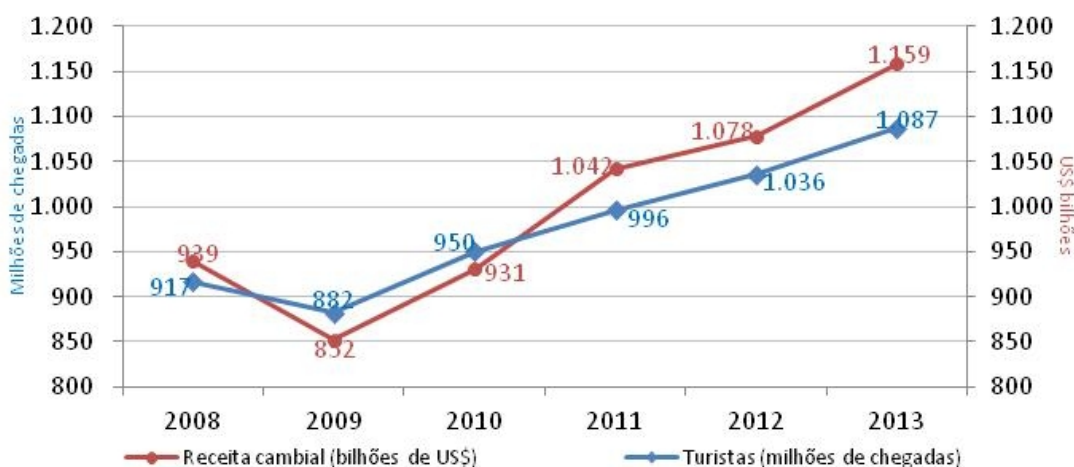
Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo. Indicadores de Turismo no Mundo 2012.

Segundo Panosso e Pieri (2013, p. 52), o ano de 2001 teria sido um dos mais críticos para o turismo internacional, em função das novas “regras nos aeroportos e na aviação, as normas de acesso aos países, a sensação de insegurança permanente, [...] e o aumento das exigências migratórias”. Os atentados nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 deram início a mudanças nos procedimentos de controles de segurança de fronteiras, além de terem culminado com a invasão do Iraque e do Afeganistão pelos Estados Unidos de Bush, anos depois. Na América do Sul, ainda em 2001, a Argentina passava pela crise financeira que ficou conhecida como Corralito.

A Figura 5 agrupa informações sobre as chegadas internacionais de turistas e a receita cambial gerada por esse fluxo, entre os anos de 2008 e 2013. A queda dos números do turismo entre 2008 e 2009 concorda com o período da crise econômica dos Estados Unidos.

<sup>6</sup> Segundo relatório Indicadores de turismo no mundo 2012, do MTur, “nos anos de 2008 e 2009 houve forte retração na economia mundial com recessão nos Estados Unidos, estouro da ‘bolha’ imobiliária daquele país, e recuo no número de chegadas de turistas no mundo. Após a tendência de recuperação verificada em 2010 observa-se um novo recuo, nos anos de 2011 e 2012, dessa vez motivada pela crise nos países Europeus, com ênfase na Grécia, Portugal, Espanha e Itália”. Disponível em <[www.turismo.gov.br/dadosefatos](http://www.turismo.gov.br/dadosefatos)>.

**Figura 5 - Chegadas internacionais de turistas e receita cambial, de 2008 a 2013**



Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo. Indicadores de turismo no mundo 2012.

Quando segmentadas por países, essas mesmas informações sobre fluxo e receita do turismo (Tabela 1) elencam os principais países receptores de turistas internacionais, em 2012 e 2013. O principal receptor, nesses dois anos, foi a França, com 83 milhões de chegadas internacionais, seguida pelos Estados Unidos e pela Espanha. Dos dez maiores, cinco são países europeus (França, Espanha, Itália, Alemanha e Reino Unido) e outros quatro são da Eurásia (Rússia, Turquia) e da Ásia (China e Tailândia).

**Tabela 1 - Chegadas de turistas internacionais no mundo 2012-2013, por país receptor**

País	Milhão		Variação (%)	
	2012	2013	12/11	13/dez
1 França	83,0	83,6	1,8	0,7
2 Estados Unidos	66,7	70,0	6,3	5,0
3 Espanha	57,5	60,7	2,3	5,6
4 China	57,7	55,7	0,3	- 3,5
5 Itália	46,4	47,7	0,5	2,9
6 Turquia	35,7	37,8	3,0	5,9
7 Alemanha	30,4	31,5	7,3	3,7
8 Reino Unido	29,3	31,1	- 0,1	6,1
9 Rússia	25,7	28,4	13,5	10,2
10 Tailândia	22,4	26,5	16,2	18,8

Fonte: Adaptado de OMT. Tourism Highlights. 2014 e 2015. Tradução própria.

Junto às informações de chegadas de turistas internacionais, no relatório da OMT, é disposta uma hierarquização entre os países com os maiores volumes estimados de divisas recebidas pelo fluxo turístico internacional (Tabela 2). Nesse cenário, os cinco países

europeus que estão entre os maiores receptores de fluxo também estão entre as dez maiores receitas recebidas pelo turismo internacional no mundo, sendo que o principal país são os Estados Unidos.

**Tabela 2 - Receitas geradas pelo turismo internacional 2012-2013, por país receptor**

País	US\$				Moedas locais	
	Bilhão		Variação (%)		Variação (%)	
	2012	2013*	12/11	13*/12	12/11	13*/12
1 Estados Unidos	126,2	139,6	9,2	10,6	9,2	10,6
2 Espanha	56,3	60,4	- 6,3	7,4	1,5	3,9
3 França	53,6	56,1	- 2,2	4,8	6,0	1,3
4 China	50,0	51,7	3,2	3,3	0,8	1,4
5 Macao (China)	43,7	51,6	13,7	18,1	13,2	18,1
6 Itália	41,2	43,9	- 4,2	6,6	3,8	3,1
7 Tailândia	33,8	42,1	24,4	24,4	26,7	23,1
8 Alemanha	38,1	41,2	- 1,9	8,1	6,3	4,5
9 Reino Unido	36,2	40,6	3,3	12,1	4,8	13,2
10 Hong Kong (China)	33,1	38,9	16,2	17,7	15,8	17,7

Fonte: Adaptado de OMT. Tourism Highlights. 2014. Tradução própria.

Nota: \*= Dados não definitivos.

A respeito dessas receitas é interessante destacar as variações em dólar, que possuem valores menores para os países europeus, entre 2011 e 2012, com recuperação entre 2012 e 2013. Já os países orientais Tailândia, Hong Kong (China) e Macao (China) mantêm as variações mais positivas nos dois períodos.

Com isso, pretende-se observar como o fluxo de turistas internacionais é percebido junto ao fluxo de capital e a condições cambiais, com ambos os fluxos convergindo para as mesmas regiões do globo. Nesse caso, os quatro primeiros países em chegadas de turistas internacionais concentram também os maiores volumes de divisas geradas pelo fluxo.

O mesmo relatório da OMT apresenta, por meio de um infográfico, a importância do turismo internacional a partir de elementos da economia: PIB, empregos, divisas financeiras, exportação e serviços de exportação, ressaltando o forte acento econômico dado às informações sobre o turismo internacional e sua efetiva ou potencial relevância para os países.

No contexto da Globalização, essa dinâmica econômica realizada pelo turismo possui relevância crescente e se realiza a partir do turismo de massa, que participa da economia e do mercado internacionais movimentando crescentes fluxos e requalificando fixos, com uma internacionalização dos espaços.

No relatório, os países cujos residentes em viagem internacional mais gastam também são hierarquizados. Nesse ponto, o turista é entendido como o provedor de divisas internacionais para os lugares de destino, isto é, o turista que visita outros países exerce o papel de evadir divisas do país de origem. Nesse *ranking* (Tabela 3), o Brasil se posiciona na décima posição dentre os países com maiores volumes de gastos de seus residentes em viagem ao exterior, em 2013. O principal país foi a China, seguido por Estados Unidos, Alemanha, Rússia, Reino Unido, França, Canadá, Austrália e Itália.

No entanto, quando divididos pela população de cada país, os maiores gastos por pessoa condizem com países como Alemanha (1.063 USD), Canadá (1.002 USD) e Austrália (1.223 USD), com números muito superiores se comparados aos da China (94 USD) e do Brasil (127 USD), abrindo caminho para pensar ponderações sobre a população total e a parcela que efetivamente viaja ao exterior, em cada país.

**Tabela 3 - Principais países emissores do turismo internacional, por volume de gastos de turistas 2012-2013**

Países	Gastos do turismo internacional (em bilhão, US\$)		Participação no mercado turístico (%)	População (milhão)	Gastos por pessoa (US\$)
	2012	2013*	2013*	2013	2013*
1 China	102,0	128,6	11,1	1.361	94
2 Estados Unidos	83,5	86,2	7,4	316	273
3 Alemanha	81,3	85,9	7,4	81	1.063
4 Rússia	42,8	53,5	4,6	143	374
5 Reino Unido	51,3	52,6	4,5	64	821
6 França	39,1	42,4	3,7	64	665
7 Canadá	35,0	35,2	3,0	35	1.002
8 Austrália	28,0	28,4	2,4	23	1.223
9 Itália	26,4	27,0	2,3	60	452
10 Brasil	22,2	25,1	2,2	198	127

Fonte: Adaptado de OMT. *UNWTO Tourism Highlights*. 2014. Tradução própria.

Nota: \*= Dados preliminares.

A Tabela 4 apresenta um panorama mais amplo da distribuição espacial do fluxo turístico internacional, que se concentra na Europa com mais da metade das chegadas estimadas pela OMT. A Ásia e Pacífico recebem 23% das chegadas e as Américas, 16,4%. Ao observar as informações apresentadas anteriormente sobre os principais receptores e emissores de turistas internacionais no mundo, pode-se deduzir que as chegadas nas Américas se concentram nos Estados Unidos.

**Tabela 4 - Chegadas de turistas internacionais 1990-2013, por região de origem**

Região de origem	Chegadas de turistas internacionais (milhão)								Participação (%)	Média anual de crescimento (%)
	1990	1995	2000	2005	2009	2010	2012	2013*		
<b>Mundo</b>	<b>434</b>	<b>528</b>	<b>677</b>	<b>807</b>	<b>890</b>	<b>948</b>	<b>1.035</b>	<b>1.087</b>	<b>100</b>	3,8
Europa	250,3	302,6	388,8	449,7	476,5	496,6	537,3	565,9	52,1	2,9
Ásia e Pacífico	58,7	86,3	114,2	153,2	180,9	206,3	237,2	250,3	23,0	6,3
Américas	99,3	108,4	130,8	136,5	147,1	156,3	171,6	178,1	16,4	3,4
Oriente Médio	8,2	9,3	14,1	22,9	32,3	34,6	31,6	32,3	3,0	4,4
África	9,8	11,5	14,9	19,3	25,5	28,3	31,9	33,4	3,1	7,1
Não especificada <sup>1</sup>	7,8	9,4	14,1	25,4	28,2	26,3	25,7	26,8	2,5	-
<b>Da mesma região</b>	<b>348,7</b>	<b>422,6</b>	<b>532,5</b>	<b>630,6</b>	<b>686,8</b>	<b>728,1</b>	<b>799,6</b>	<b>840,2</b>	<b>77,3</b>	3,7
<b>De outras regiões</b>	<b>77,6</b>	<b>95,6</b>	<b>130,3</b>	<b>150,9</b>	<b>175,4</b>	<b>194,0</b>	<b>210,0</b>	<b>219,8</b>	<b>20,2</b>	4,8

Fonte: Adaptado de OMT. *UNWTO Tourism Highlights*. 2014. Tradução própria.

Notas:

Quanto à participação dos fluxos ‘da mesma região’ e ‘de outras regiões’, vale explicar que o percentual restante de 2,7% (total de 100%) corresponde a países que não puderam ser alocados numa região específica, porque não possuíam dados ou estavam definidos em um grupo cujos países não puderam ser identificados.

<sup>1</sup> Países que não puderam ser alocados em região específica de origem.

\* Dados preliminares.

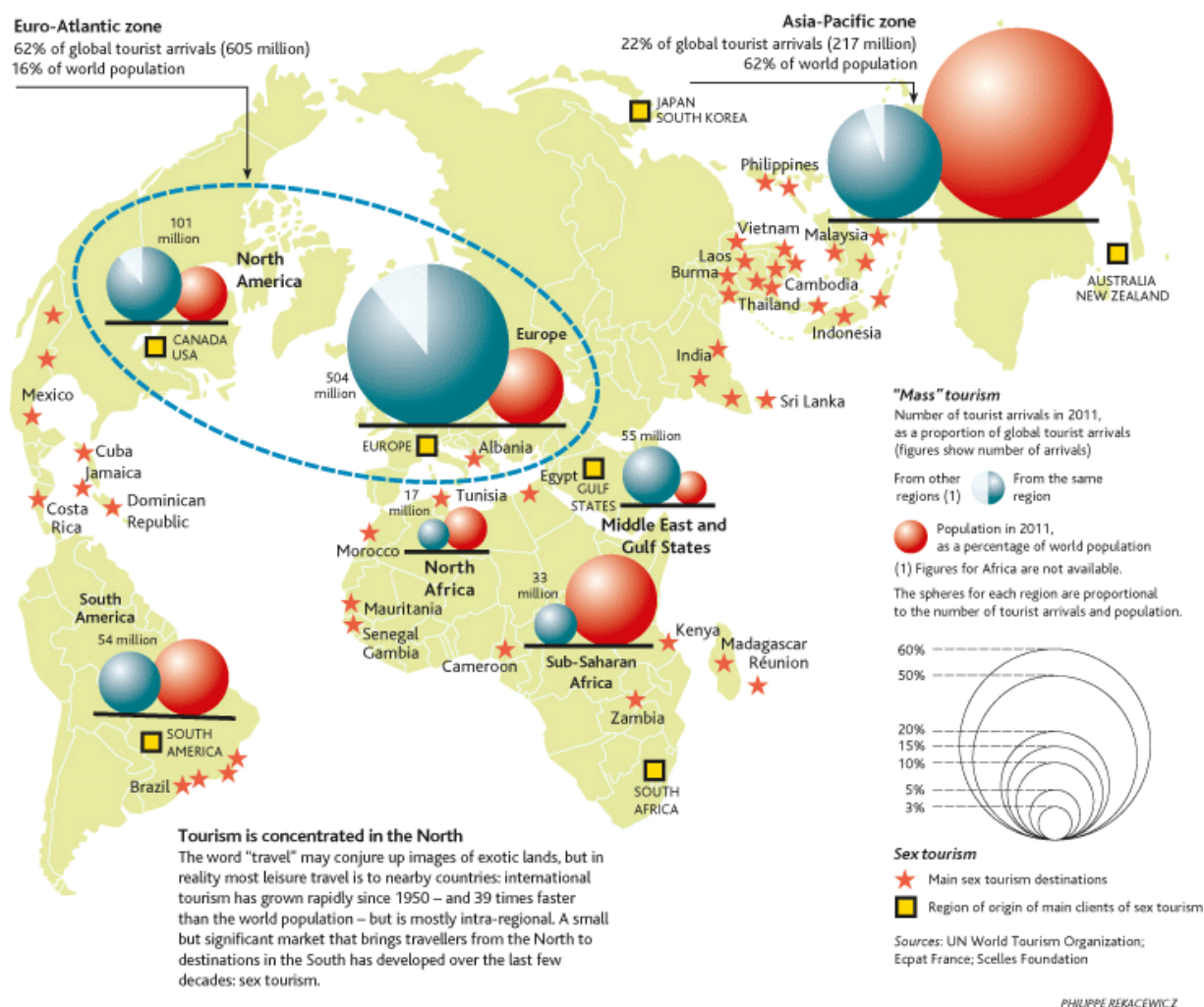
Um aspecto interessante está nas regiões da África e Ásia/Pacífico, que possuem as maiores médias anuais de crescimento do número de chegadas de turistas internacionais (respectivamente, 7,1% e 6,3%) que, ao lado da Europa com a menor média (2,9%), pode indicar um movimento de mudança na configuração dos fluxos, cujos motivos – que, de qualquer forma, precisariam ser estudados –, poderiam abranger, por exemplo, a ocorrência de eventos, como Copa do Mundo FIFA e Jogos Olímpicos.

Outro dado interessante sobre as chegadas internacionais é o movimento de turistas dentro da mesma região e entre as regiões do mundo, estabelecidas e categorizadas conforme Tabela 4. É notável que a maior parte (77,3%) de chegadas internacionais no mundo, em 2013, ocorreu entre países de sua mesma região, contra 20,2% de chegadas de países de regiões diferentes da região de origem. Isso nos remete à possível influência de variáveis sobre, por exemplo, distância e acesso, e cultura e identidade.

Por fim, aspectos que envolvem o fluxo mundial de turistas internacionais, ao serem cruzados com outras variáveis complementares ao tema, podem revelar questões territoriais bastante pertinentes e de extensa possibilidade de estudos e entendimentos, além das questões econômicas ou de mercado.

Quando os estudos sobre o fluxo de turistas incluem as interações entre fixos e fluxos relacionados diretamente ou indiretamente com o turismo, amplia-se o olhar para a atividade como transformadora das relações sociais e formatações territoriais.

**Figura 6 - Mapa da Geografia do Turismo, por Philippe Rekacewicz**



Fonte: Le Monde Diplomatique. Mapa da Geografia do Turismo, de autoria de Philippe Rekacewicz. 2012.

O mapa nomeado “Geografia do Turismo” (Figura 6), elaborado pelo cartógrafo francês Philippe Rekacewicz e divulgado no Le Monde Diplomatique, em junho de 2012<sup>7</sup>, lança olhar para a concentração das chegadas do turismo mundial ao Norte e o contraponto de destinos internacionais de turismo sexual ao Sul. Além disso, somente na região que engloba Europa, Estados Unidos e Canadá, as chegadas de turistas representam 62% do fluxo mundial. No entanto, essa região possui apenas 16% da população mundial. Esse exemplo ilustra as

7 Le Monde Diplomatique. Mapa da Geografia do Turismo, de autoria de Philippe Rekacewicz. 2012. Disponível em: <<http://mondediplo.com/maps/tourism>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

potenciais perspectivas de análises de fluxos turísticos e suas territorialidades, em diferentes escalas espaciais e temporais.

A busca pelo fomento do turismo em países em desenvolvimento, como o Brasil, abre espaço para novas tecnologias e sistemas de informações (como modernização de rotas aéreas e aeroportos), de reestruturação dos acessos (como isenção de vistos), além da crescente demanda de que destinos desenvolvam condições semelhantes às condições de origem dos visitantes. Tais esforços citados geram grandes impactos em diferentes escalas, que precisam ser questionados além dos discursos e modelos propagados de turismo.

Portanto, é muito importante que o turismo seja entendido a partir da lógica da Globalização e das dinâmicas modernas sobre as quais está inserido. Assim, compreender sua relevância como atividade da economia globalizada, incluindo uma análise geográfica das estatísticas, possibilita conhecer uma série de impactos que ele causa, principalmente, sobre países em desenvolvimento e questionar os modelos atuais de desenvolvimento.

## **5 O BRASIL NO CONTEXTO MUNDIAL**

Após discorrer sobre o cenário mundial do turismo internacional, coloca-se o Brasil como referência de destino e origem do fluxo de turistas internacionais, ainda no contexto de principais países emissores e receptores do mundo. Assim, este capítulo discorre sobre os fluxos de turistas internacionais a partir da perspectiva do território brasileiro, tendo como base a principal pesquisa de demanda internacional realizada sobre o tema pelo Ministério do Turismo.

A Tabela 5 mostra que entre os países receptores do fluxo internacional de turistas, os cinco principais (França, Estados Unidos, Espanha, China e Itália) receberam, em 2012, cerca de 30% do total de chegadas do mundo, enquanto o Brasil, embora acompanhe a tendência mundial de crescimento no número absoluto de chegadas, possui participação tímida com 5,8 milhões de chegadas em 2013, o que representa, aproximadamente, 0,5% das 1,09 bilhões de chegadas estimadas no mundo.

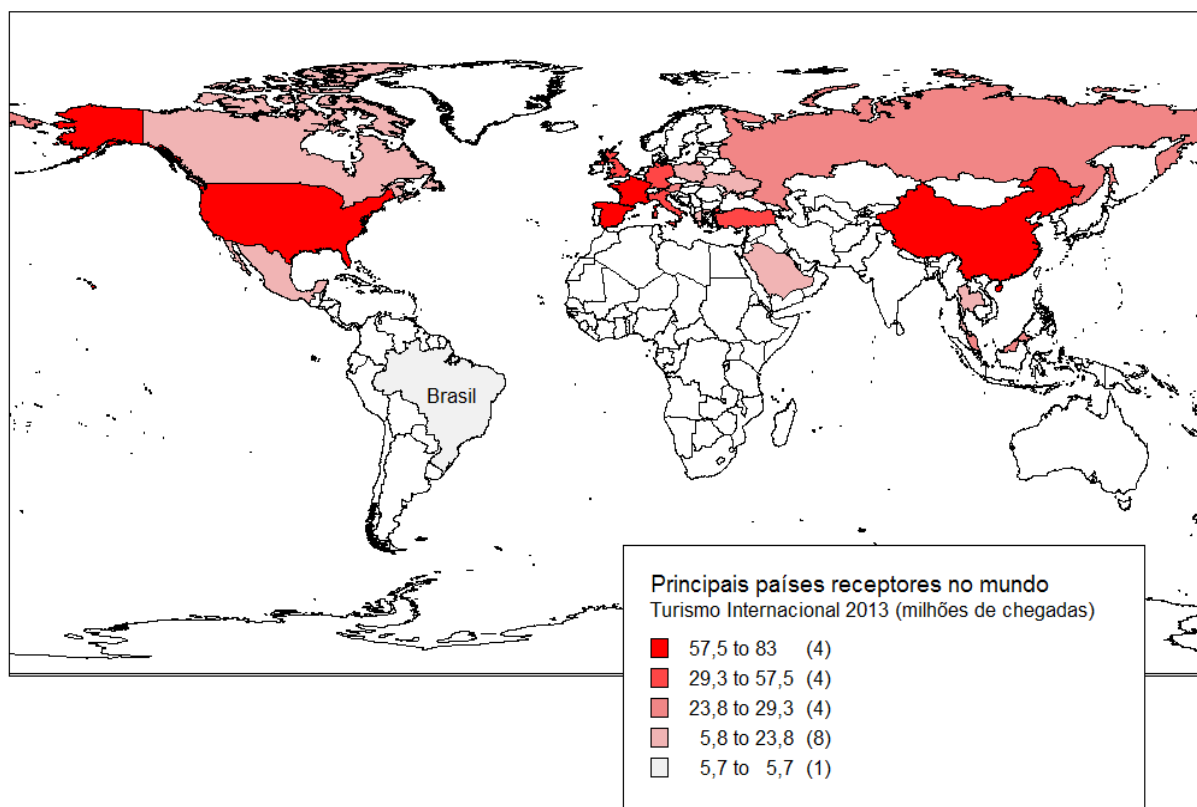
O Brasil, posicionado em 41º no *ranking* de 2013, apresenta uma participação muito restrita como país receptor do fluxo turístico diante do conjunto de países da Europa, América do Norte e Ásia. De toda forma, seu fluxo também se mostrou vulnerável em momento da crise econômica de 2008, apresentando queda entre 2008 e 2009, como ocorrera com a maior parte dos países do *ranking* e com o volume total de turistas internacionais no mundo.

**Tabela 5 - Principais países receptores de turistas internacionais, de 2008 a 2013**

Fonte: Organização própria baseada em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013; e OMT. *UNWTO Tourism Highlights* 2014.

A Figura 7 representa os dados de 2013 da Tabela 5 e possibilita observar uma forte concentração das chegadas de turistas internacionais nos países do hemisfério norte, que se alinha à concentração de outros fluxos do capitalismo.

**Figura 7 - Principais países receptores de turistas internacionais, em 2013**



Fonte: Elaboração própria baseada em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013; e OMT. *UNWTO Tourism Highlights* 2014.

Contudo, no que tange às localidades emissoras de turistas a outros países, a OMT (2013) divulga anualmente o índice dos países emissores cujos turistas mais gastam nas viagens internacionais, em volume total de dólares emitidos a outros países. E, nesse *ranking*, o Brasil se encontra na 12ª posição, participando de 2,1% de participação no mercado, em 2012; e na 10ª posição com 2,2% do mercado, em 2013. A China, com volume de 102 bilhões de dólares de gastos, se posiciona em 1º lugar (9,5% de participação no mercado), a frente de Alemanha (7,8%), Estados Unidos (7,8%) e Reino Unido (4,9%). A questão que fica é sobre o que ocorre para que o turista brasileiro seja tão representativo no exterior em relação a gastos com o turismo.

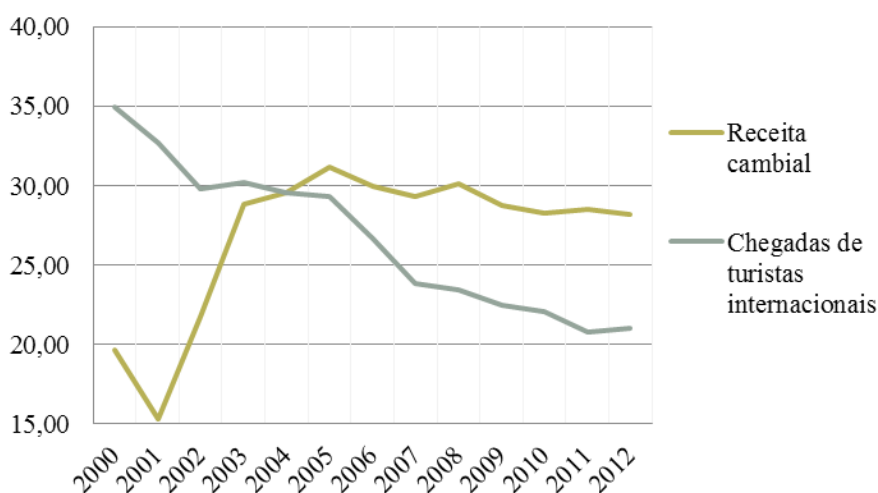
A hierarquização entre países, embora carregue conteúdos isolados frágeis para análise, pode sinalizar tendências e movimentos ímpares, e despertar um olhar mais aprofundado para a complexidade e relações interescares de um fenômeno. De todo o modo, isso dificilmente será capaz de interagir com escalas muito diferentes, como nos casos em que o turismo internacional em um país se concentra e é altamente impactante em territórios muito

limitados, usados intensamente pelo e para o turismo, mas sem expressar números de escalas globais ou mesmo nacionais.

Portanto, nem sempre uma posição inferior no *ranking* significará que a atividade não seja importante, transformadora e intensa em determinadas porções de um território. São relevantes as transformações que os fluxos de turistas podem levar aos fixos de um destino, origem e seu acesso, e as influências que os fixos na origem-destino realizam sobre o fluxo de turistas.

Ao observar isoladamente a participação do Brasil na América do Sul como país receptor de fluxo internacional, essa se mostra maior se comparada à escala mundial, mas apresenta tendência a um encolhimento de sua participação no continente se apenas considerada a série temporal linear. Entre os anos 2000 e 2012, essa participação passou de 35% para aproximados 21% – uma queda de 14%, como ilustra a Figura 8.

**Figura 8 - Participação do turismo internacional do Brasil na América do Sul (em %)**



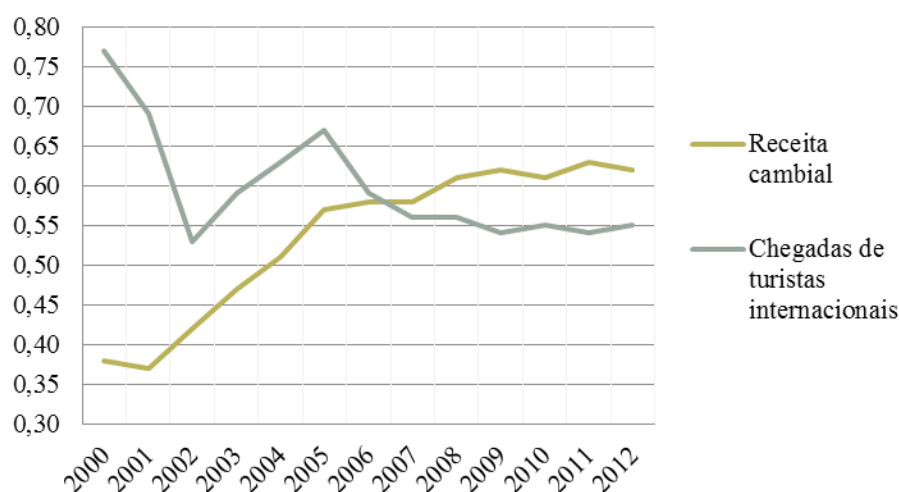
Fonte: Elaboração própria com base em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Uma análise mais abrangente poderia revelar se a queda do percentual de participação do Brasil no continente está ligada a uma reconcentração das chegadas em outros países sul-americanos ou a uma distribuição mais abrangente do fluxo entre os diversos países, percorrendo suas causas e consequências, e os fluxos e fixos que influenciam tais mudanças.

Apesar da redução constante na participação das chegadas de turistas, a participação da receita cambial do Brasil na América do Sul apresentou resultados positivos na série histórica.

Já as proporções da participação do turismo internacional do Brasil se tornam bastante reduzidas quando a escala passa da América do Sul para o mundo (Figura 9). E, neste contexto, o Brasil também apresenta uma redução de sua participação de chegadas entre 2000 (0,77%) e 2012 (0,55%), no cenário mundial.

**Figura 9 - Participação do turismo internacional do Brasil no mundo (em %)**



Fonte: Elaboração própria com base em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Contudo, nas duas situações expostas, nota-se uma tendência de crescimento de participação da receita cambial turística do Brasil, que, em determinado momento, supera os percentuais decrescentes de participação das chegadas de turistas internacionais ao Brasil, em relação aos totais da América Latina e do mundo.

Vale esclarecer que a receita cambial do turismo internacional é formada pelo volume de gastos realizados por turistas internacionais no país de destino. Além de variar em função do perfil de gasto e permanência dos turistas, a receita sofre influência da valorização ou desvalorização da moeda, podendo ocasionar aumento ou redução dos preços dos bens e serviços turísticos no destino, e ainda limitar ou estimular volumes de gastos e de chegadas de turistas internacionais.

Assim, ambos os casos citados nos gráficos podem ser relacionados à desvalorização e valorização do Real diante do Dólar. Um momento pontual ocorreu no ano de 2002, no Brasil, quando o Real sofreu uma forte desvalorização – na qual um dólar chegou a quase quatro reais - e depois, um momento de valorização, fazendo com que cada valorização da moeda significasse incrementos na receita cambial turística brasileira. Consequente à valorização, o

aumento do custo da viagem em função da moeda mais valorizada restringiria as viagens pelo custo, influenciando a queda do número de chegadas de turistas.

Na Tabela 6 observa-se que, nos anos de 2001 a 2002, o Brasil apresentou uma variação negativa em relação às chegadas de turistas internacionais. Tal fato foi fortemente influenciado pela crise econômica no período (conhecida como Corralito) na Argentina, que é o principal país emissor de turistas ao Brasil.

Já entre 2009 e 2013 a evolução do fluxo receptivo internacional para o Brasil apresenta uma tendência de crescimento de seu número absoluto de turistas, seguindo tendência mundial depois da crise econômica de 2008, que havia influenciado uma variação negativa de chegada de turistas no Brasil e no mundo entre 2008 e 2009.

**Tabela 6 - Chegadas de turistas internacionais no mundo, de 1999 a 2013 (milhões de chegadas)**

Ano	Mundo		América do Sul		Brasil	
	Total	Variação anual (%)	Total	Variação anual (%)	Total	Variação anual (%)
1999	650,2	-	15,1	-	5,1	-
2000	689,2	6,00	15,2	0,66	5,3	4,03
2001	688,5	-0,10	14,6	-3,95	4,8	-10,16
2002	708,9	2,96	12,7	-13,01	3,8	-20,70
2003	696,6	-1,74	13,7	7,87	4,1	9,19
2004	765,5	9,89	16,2	18,40	4,8	15,99
2005	801,6	4,72	18,3	12,82	5,4	11,76
2006	842,0	5,04	18,8	2,73	5,0	-6,68
2007	897,8	6,63	21,0	11,70	5,0	0,00
2008	916,6	2,09	21,8	3,81	5,1	2,00
2009	882,1	-3,76	21,4	-1,83	4,8	-5,88
2010	950,1	7,71	23,6	10,28	5,2	8,33
2011	996,0	4,83	26,0	10,17	5,4	3,85
2012	1.035,5	3,97	27,2	4,62	5,7	5,56
2013	1.086,9	4,96	27,4	0,74	5,8	1,99

Fonte: Organização própria baseada em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Essas variações mostram, mais uma vez que, como atividade de consumo e inserida no mundo globalizado, o turismo internacional se apresenta vulnerável às crises econômicas e às flutuações de câmbios, tornando cada vez mais intensa a influência dos fluxos do sistema superior. No Brasil, junto ao aumento médio absoluto de receita cambial e chegadas de turistas internacionais, nos últimos anos, ocorreram importantes intervenções como modernização e internacionalização de fixos no território - em aeroportos, portos e

equipamentos hoteleiros -, captação de eventos internacionais – incluindo grandes eventos esportivos - e captação de novos voos internacionais.

Da perspectiva de países emissores de turistas ao Brasil (Tabela 7) e das aclamadas divisas trazidas por esses fluxos ao país, o principal emissor é a Argentina, com participação crescente nos últimos anos e chegando a aproximados 30% do total de chegadas de turistas internacionais ao país, em 2012 e 2013. Em segundo lugar, os Estados Unidos, que, atualmente, compõem 10% das chegadas, tem apresentado uma redução constante na sua participação nos últimos cinco anos.

Segundo Rabahy (2014), mesmo importantes países emissores de turistas ao Brasil, como Estados Unidos, França e Alemanha, costumam remeter menos de 0,8% dos seus gastos do turismo emissor ao Brasil. Além disso, a participação da receita do turismo internacional nas exportações do Brasil é de apenas 2,7% (2013), enquanto que, no mundo, a média oscila entre 6% e 7%.

Na Tabela 7 são elencados os principais países emissores de 2013 e seu percentual de participação no fluxo total de chegadas ao Brasil.

**Tabela 7 - Principais países emissores de turistas ao Brasil, em 2013**

<b>País</b>	<b>Total</b>	<b>Participação (%)</b>	<b>Posição</b>
Argentina	1.711.491	29,4	1º
Estados Unidos	592.827	10,2	2º
Paraguai	268.932	4,6	3º
Chile	268.203	4,6	4º
Uruguai	262.512	4,5	5º
Alemanha	236.505	4,1	6º
Itália	233.243	4,0	7º
França	224.078	3,9	8º
Espanha	169.751	2,9	9º
Inglaterra	169.732	2,9	10º
Portugal	168.250	2,9	11º
Colômbia	116.461	2,0	12º
Peru	98.602	1,7	13º
Bolívia	95.028	1,6	14º
Japão	87.225	1,5	15º
México	76.738	1,3	16º
Holanda	69.187	1,2	17º
Suíça	68.390	1,2	18º
Venezuela	68.309	1,2	19º
Canadá	67.610	1,2	20º
Outros países	760.268	13,1	
<b>Total</b>	<b>5.813.342</b>	<b>100</b>	

Fonte: Organização própria baseada em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

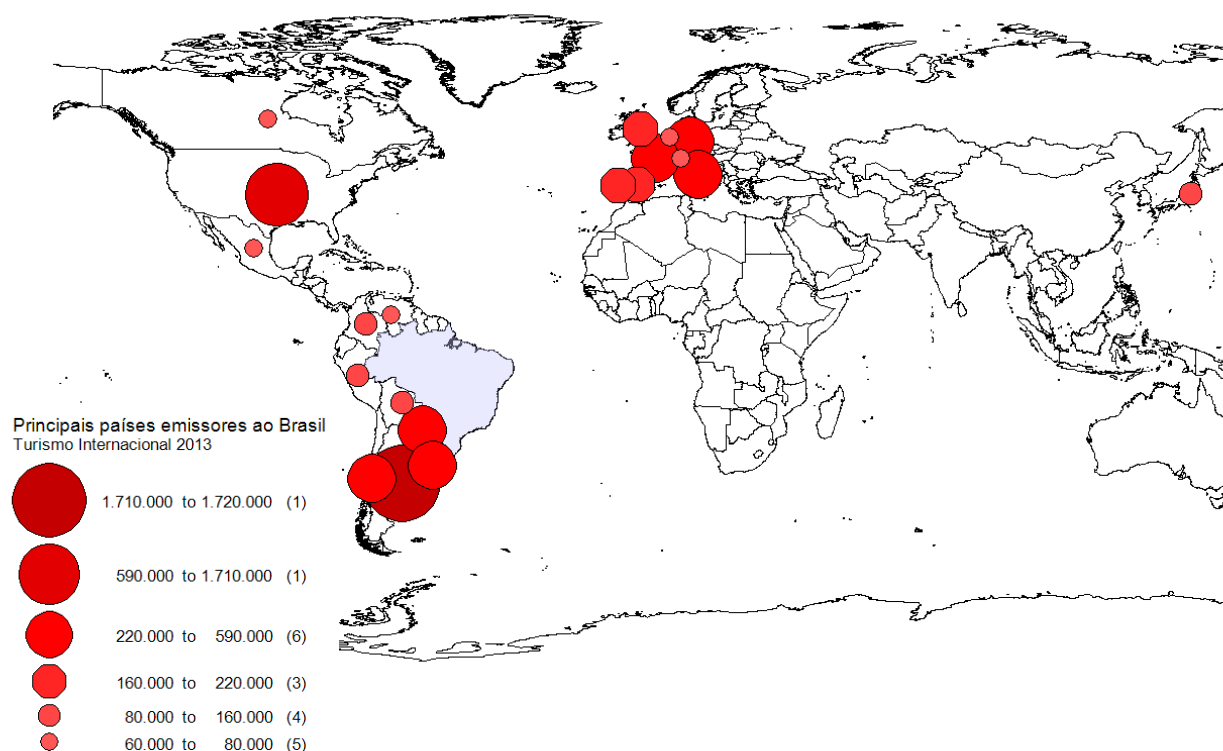
O Paraguai, país que ficou em terceiro lugar, em 2013, chama a atenção ao passar de sexto para terceiro lugar, de 2012 para 2013, junto ao Chile, que também subiu posições desde 2009, chegando a quarto lugar em 2013. Contudo, números como o do Paraguai devem ser tratados com cautela, pois, ao se pensar sobre o perfil desse turista, contabilizado em sua maioria nas fronteiras brasileiras, é possível observar, durante a prática da pesquisa de campo, que parte desse fluxo se limita apenas às cidades fronteiriças brasileiras, com destaque para o trânsito na Ponte Internacional da Amizade (PIA) - Foz do Iguaçu-PR, ou condiz com viajantes com destino a outros países, mas em trânsito no Brasil. Tal fluxo, portanto, se caracterizaria por uma interação com impactos mais restritos à escala local.

Muito pouco se conhece, no Brasil, sobre os fluxos turísticos que passam pelas fronteiras terrestres. Por se tratar de um perfil bastante específico, composto por um volume expressivo de excursionistas (sem pernoite) em meio a turistas, esse tipo de visitante demanda

uma pesquisa com metodologia específica, pois impacta os territórios de modo bastante distinto se comparado ao turista que acessa o país para visitar os principais destinos turísticos brasileiros.

Além do mais, a própria configuração e dinâmica urbanísticas de cidades fronteiriças brasileiras demandam ajustes de metodologias de coleta e análise de dados de pesquisa. No caso de uma contabilização de fluxo de visitantes em fronteiras localizadas em uma estrada ou ponte, que funciona como um funil do fluxo, a abordagem é mais segura e simples. Exemplos desse tipo de fronteira em que ocorrem coletas para pesquisa do turismo internacional são as de Foz do Iguaçu - PR, Corumbá – MT e São Borja – RS. Ainda, se a fronteira se constitui em cidades gêmeas ou conturbadas, e separadas por uma via comum, a abordagem deve ser realizada em postos da Receita ou Polícia Federal e/ou em pontos de convergência do fluxo, o que se decide caso a caso. Os exemplos dessas fronteiras internacionais brasileiras na pesquisa são Santana do Livramento – RS / Rivera - Uruguai, Chuí / Chuy (Uruguai) – RS e Ponta Porã – MT / Pedro Juan Caballero (Paraguai).

**Figura 10 – Mapa dos principais países emissores de turistas ao Brasil, em 2013**



Fonte: Elaboração própria baseada em dados de BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Em 2013, a partir dos dados do anuário estatístico de turismo da OMT (2014b), ao observar a Figura 10 com os principais países emissores ao Brasil, tem-se que o continente

americano foi responsável por 64,1% das chegadas de turistas internacionais ao país, seguido pela Europa, com 28,7%, depois pela Ásia Oriental e Pacífico, com 5,2% - com Japão (1,5%) e China (1,0%) -, e pela África, com 1,6%.

A figura indica uma tendência de que países que combinam maior população, proximidade territorial, relações históricas com o destino (de imigração e de indústria, por exemplo) e poder aquisitivo de parcela da população para viagens se configuram como os maiores emissores de turistas a determinado país.

No entanto, é preciso ressaltar que, as variáveis de atratividade, além de abrangerem um leque de possibilidades, mudam constantemente em função do desenvolvimento das técnicas, em diferentes escalas espaciais. Por exemplo, o fluxo de turistas influenciado pela distância origem-destino pode aumentar ao alcançar um menor tempo de deslocamento e distância relativa, e melhores condições de deslocamento.

Esse mesmo anuário também explicita variações de fluxo entre 2012 e 2013. Nesse período, Bolívia (-15,6%) e China (-8,8%) apresentaram queda na participação do fluxo ao Brasil, enquanto Venezuela (33,7%), México (24,5%), Japão (19,3%), Colômbia (16,1%), Paraguai (9,1%) e Peru (7,2%), aumentaram sua participação das chegadas internacionais. Embora muito frequentes em listas de principais países emissores de turistas, países europeus como Alemanha, Itália, França, Espanha, Inglaterra e Portugal apresentam uma tendência de declínio no percentual de participação no Brasil, desde 2009.

As informações conduzem para um conjunto de questionamentos sobre o comportamento do fluxo turístico internacional, suas características, movimentos, intensidades no território, sua vulnerabilidade em relação aos acessos para deslocamento (tempo, distância e preço), competitividade com outras destinações e os fatores políticos, econômicos e financeiros. Ou seja, os fluxos e fixos que influenciam a dinâmica turística pelo território e também se transformam a partir dele.

Visto isso, é importante questionar as fragilidades das caracterizações quantitativas e a lógica de competitividade que permeiam as hierarquizações entre países, considerando o turismo através de uma visão de mercado e *marketing*, sem abordar a qualidade da experiência turística nos territórios emissores e receptores, dos fixos e fluxos relacionados direta e indiretamente, e suas contradições e relações interescares.

## 5.1 Turismo internacional em relação ao doméstico, no Brasil

Além de observar como o turismo internacional no Brasil é colocado em relação a outros países do mundo por meio das estatísticas, é necessário também apresentá-lo em relação ao turismo doméstico nacional, introduzindo a sua participação no contexto do turismo brasileiro.

Considerando o fluxo doméstico e a movimentação de capital, o fluxo turístico emissivo internacional, constituído pela saída de residentes de um país em visita ao exterior, figura o potencial fluxo que poderia estar viajando e distribuindo divisas dentro do território nacional. Porém, tal raciocínio exclui seu potencial de gerar novos significados e consciência de mundo nos territórios que percorre, tanto de origem quanto de destino, limitando a importância do turista e dos fluxos que este gera a trocas monetárias.

A respeito do turismo internacional receptivo, Rabahy<sup>8</sup> (2014) observa, em palestra, que, no Brasil, o valor estimado das receitas do turismo interno é 9,9 vezes superior às do receptivo internacional. Em comparação, afirma que o turismo doméstico em relação ao internacional é 9,5% maior, na China; 7,1% maior, nos Estados Unidos; 6,3%, no México; 2,3%, na França; e 1,0% na Espanha e na Áustria.

A partir disso, pode se pensar se turismo doméstico tende a predominar em países de maiores dimensões territoriais que possuem alguma diversidade de atrativos e cujos potenciais países emissores de fluxo internacional se encontram mais distantes, tanto fisicamente quanto em relação a trâmites de imigração, considerando ainda que uma viagem internacional, apenas pelo fato de cruzar a fronteira, já pode demandar maior orçamento em boa parte dos casos. No caso do Brasil, Yázigi (2002, p. 152) sinaliza para a falta de pesquisas que permitam conhecer “entre outras coisas, se a miséria-violência e a degradação da paisagem (sem falar nos altos custos internos) resultaram em troca de itinerários, mesmo em direção ao exterior”.

Entender o fenômeno do turismo internacional brasileiro demanda compreendê-lo no contexto do turismo mundial e nacional, o que inclui o conhecimento sobre os fluxos domésticos, visto que os fixos e os fluxos relacionados à atividade turística permeiam tanto o turismo doméstico quanto o internacional, ora em inclusão-exclusão e ora em sobreposição.

Segundo Knafou (1999, p. 74), em países como China, Brasil e Índia, a importância dada ao turismo internacional, muitas vezes, ocorre negligenciando o turismo doméstico, mesmo este sendo dominante nesses países. Isso ocorreria em função de uma “manutenção do

---

<sup>8</sup> Economista e coordenador de pesquisas realizadas pela Fipe para o Ministério do Turismo

domínio ideológico das teses de troca desigual, isto é, fatores exteriores de ação sobre as sociedades em questão” e em função de “uma difundida recusa em ver a realidade do turismo nacional, isto é, dos movimentos e práticas de ordem interna nas sociedades em questão”.

Assim, os estudos e pesquisas deveriam avançar sobre parâmetros que respondam sobre como os fluxos do turismo doméstico e do turismo internacional se constituem, se relacionam e se sobrepõem com os fixos disponíveis no território, sobre quais fixos interagem nas diferentes escalas e como os fluxos impactam os fixos e são impactados pelos mesmos.

## **5.2 Turismo receptivo internacional no Brasil**

Para prosseguir com o tema, nesta segunda parte do capítulo, introduzir-se-á um cenário sobre o turismo receptivo internacional no Brasil e as principais informações levantadas a respeito.

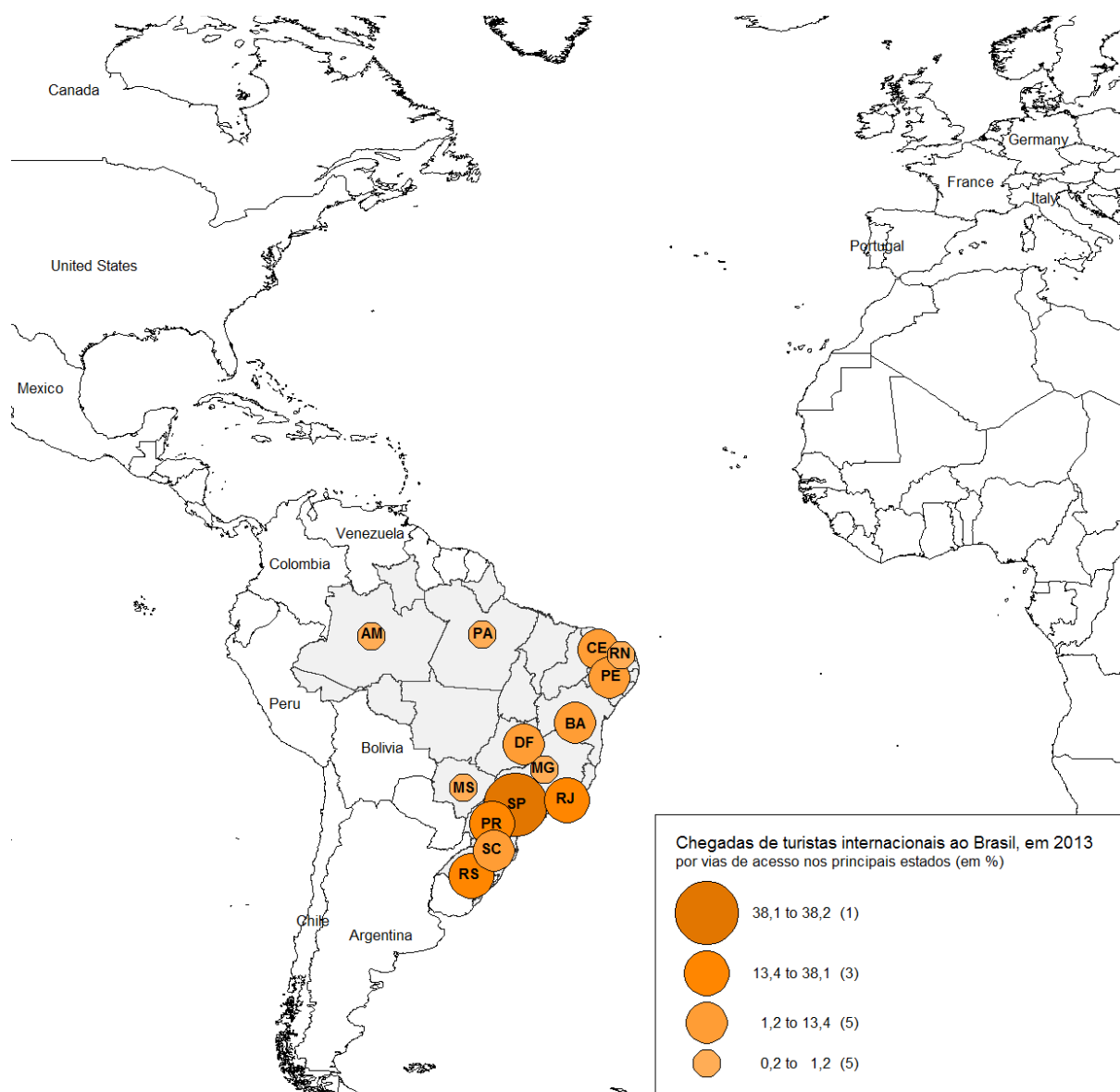
Para tanto, propõe-se partir da localização das fronteiras de acesso dos turistas, dos destinos brasileiros mais visitados e da origem dos turistas, e, ainda, da exposição do perfil básico do fluxo levantado pela pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil - realizada pela Fipe, para o Ministério do Turismo, desde 2004.

Tal pesquisa condiz com o principal levantamento de dados estatísticos sobre o turismo internacional no Brasil e é realizada, em projetos anuais, nos portões de entrada e saída de maiores fluxos internacionais do país, incluindo aeroportos e fronteiras terrestres. Possui uma amostra que gira em torno de quarenta mil questionários anuais, com mais de trinta variáveis, para os fluxos de turismo emissivo e de turismo receptivo.

A intenção, nesse momento, é traçar os principais territórios consumidos, produzidos e organizados pelo fluxo de turistas da perspectiva do Brasil como destino turístico internacional. Para tanto, a Figura 11 sintetiza e localiza os estados brasileiros cujas vias de acesso recebem maior fluxo de turistas internacionais que chegam ao Brasil, considerando tanto as vias aéreas quanto as terrestres e aquáticas.

As principais vias de acesso utilizadas pelos turistas receptivos internacionais têm se concentrado de modo intenso nas regiões Sudeste (60%, aproximadamente) e Sul (31%, aproximadamente), recebendo mais de 90% do total das chegadas desses turistas, em 2013.

**Figura 11 - Chegadas de turistas internacionais ao Brasil, por vias de acesso nos principais estados, em 2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de BRASIL. Ministério do Turismo Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

A maior parte das entradas no país pela região Sul, tanto por aeroportos quanto por fronteiras terrestres, acontece em função do relevante fluxo de turistas vindos da Argentina, que é o maior país emissor de turistas ao Brasil e segundo maior receptor de turistas brasileiros. Tal fluxo que cruza as fronteiras terrestres sulistas demanda e se utiliza de rodovias e de outras infraestruturas e serviços, como aduanas e controles de imigração, centros de informação turística, restaurantes, postos de combustíveis e pequenos hotéis das cidades por onde passa.

Já a região Sudeste possui os dois maiores aeroportos internacionais do país (aeroporto de Guarulhos/São Paulo e do Galeão/Rio de Janeiro) e os destinos mais visitados por turistas internacionais, tanto por motivo de lazer quanto de negócios, feiras e convenções. Além disso, é dos aeroportos de São Paulo (Guarulhos e Congonhas) e do Rio de Janeiro (Galeão e Santos Dumont) de onde parte a grande maioria dos voos a outros destinos brasileiros.

No que diz respeito à distribuição dos tipos de vias de acesso utilizadas pelo fluxo de turistas residentes no exterior em visita ao Brasil, em 2013, as vias aéreas foram utilizadas por 70% desses turistas e as vias terrestres, por 28%. Já as vias marítimas e fluviais, embora o país possua um litoral e uma rede fluvial de grandes extensões, não somaram nem 3% de participação, muito provavelmente em função das distâncias continentais do território brasileiro e da escassa infraestrutura portuária.

Em relação às vias aéreas, apenas dois aeroportos brasileiros – o de Guarulhos/São Paulo e o do Galeão/Rio de Janeiro -, em 2013, concentraram aproximados 80% dos 9,5 milhões de passageiros em voos internacionais no país.

Já os desembarques domésticos, que se mostram mais dispersos pelo território do que os desembarques internacionais, apresentaram 40% dos quase 90 milhões do total de desembarques de passageiros domésticos (Tabela 8) concentrados nos aeroportos de São Paulo (Viracopos, Congonhas e Guarulhos) e Rio de Janeiro (Santos Dumont e Galeão).

**Tabela 8 - Movimentação nacional e internacional de passageiros em aeroportos do Brasil, em 2013**

Aeroportos	Desembarques de passageiros			
	Nacionais	%	Internacionais	%
Internacional de Guarulhos / Governador André Franco Montoro	11.627.055	13,1	5.902.088	62,3
Internacional Rio de Janeiro - Galeão / Antônio Carlos Jobim	6.413.808	7,2	2.102.437	22,2
Internacional de Brasília / Juscelino Kubitschek	8.365.302	9,4	275.291	2,9
Internacional de Porto Alegre / Salgado Filho	3.716.783	4,2	249.680	2,6
Internacional de Confins / Tancredo Neves	5.016.277	5,6	193.361	2,0
Internacional de Salvador / Dep. Luís Eduardo Magalhães	4.034.344	4,5	153.335	1,6
Internacional de Recife-Guararapes / Gilberto Freyre	3.374.744	3,8	129.023	1,4
Internacional Manaus / Eduardo Gomes	1.401.394	1,6	106.987	1,1
Internacional Fortaleza / Pinto Martins	2.847.315	3,2	102.568	1,1
Internacional de Campinas / Viracopos	4.754.242	5,3	28.420	0,3
<i>Rio de Janeiro / Santos Dumont</i>	<i>4.528.363</i>	<i>5,1</i>	<i>0</i>	<i>0,0</i>
<i>São Paulo / Congonhas</i>	<i>8.450.098</i>	<i>9,5</i>	<i>0</i>	<i>0,0</i>
Outros	24.414.064	27,4	224.804	2,4
<b>Brasil</b>	<b>88.943.789</b>	<b>100</b>	<b>9.467.994</b>	<b>100</b>

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Nota: Os dados incluem desembarques de passageiros residentes e não residentes no Brasil.

Não diferente da localização dos principais acessos, em 2013, o lugar mais visitado foi o município de São Paulo, que recebeu pernoites em 47,6% das viagens realizadas pelo fluxo de turistas internacionais, tendo negócios, feiras e convenções como a motivação mais recorrente dessas viagens. A cidade do Rio de Janeiro se apresenta como a principal destinação quando o motivo é lazer e recebeu pernoites em 30,2% das viagens totais, em 2013.

Dos quinze principais destinos com maior volume de pernoites, somente um se localiza na região Nordeste – Salvador, capital do estado da Bahia -, sete estão na região Sul e os outros sete na Sudeste, conforme mostra Tabela 9.

**Tabela 9 – Principais municípios brasileiros visitados pelo fluxo turístico internacional, em 2013**

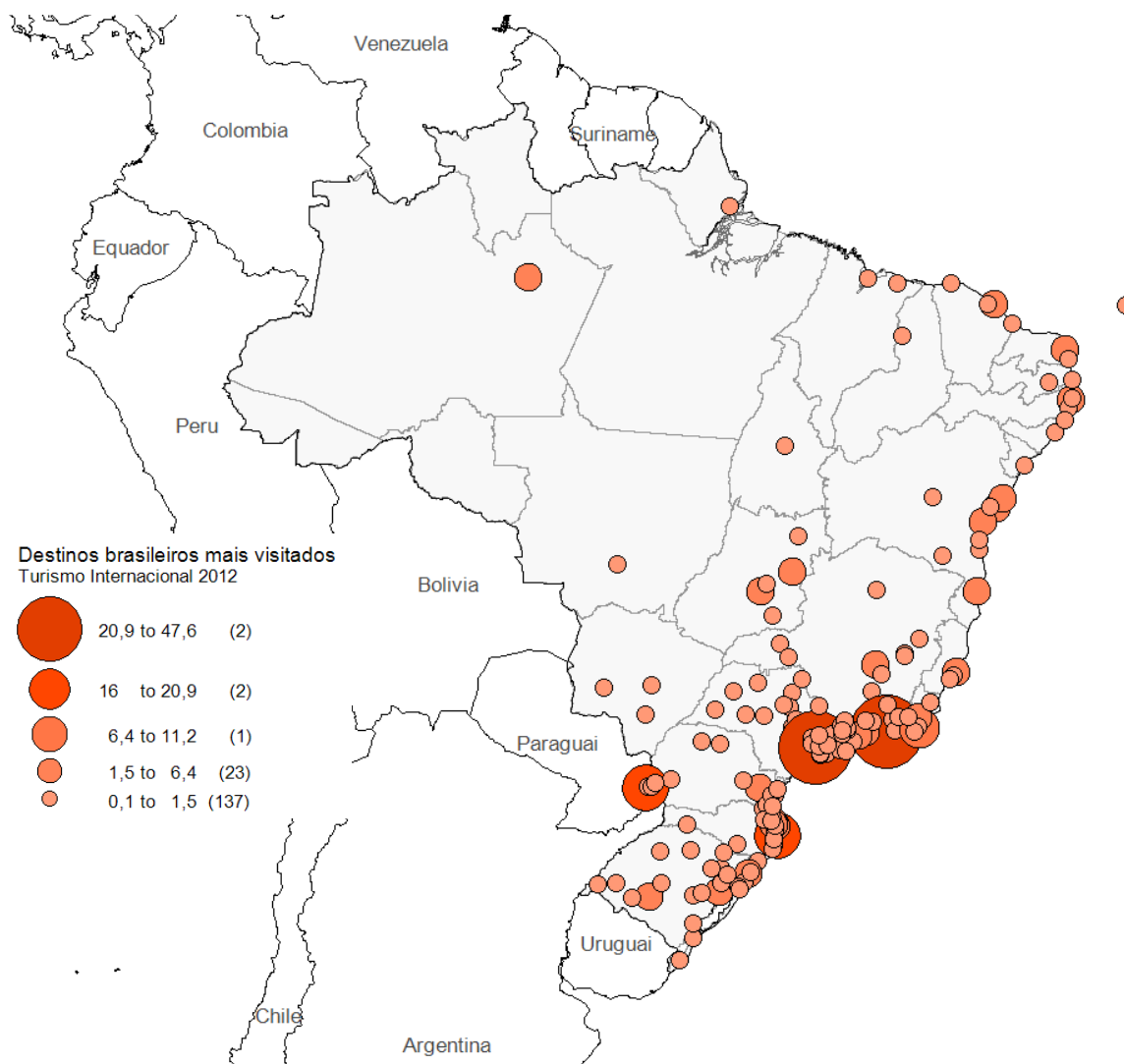
<b>Destino</b>	<b>UF</b>	<b>Participação (%)</b>	<b>Motivo de viagem preponderante</b>
São Paulo	SP	47,6	Negócios
Rio de Janeiro	RJ	30,2	Lazer
Florianópolis	SC	18,7	Lazer
Foz do Iguaçu	PR	17,0	Lazer
Armação de Búzios	RJ	8,3	Lazer
Bombinhas	SC	6,1	Lazer
Salvador	BA	5,7	Lazer
Belo Horizonte	MG	5,6	Outros
Balneário Camboriú	SC	5,2	Lazer
Curitiba	PR	5,2	Outros
Porto Alegre	RS	4,7	Negócios
Angra dos Reis	RJ	4,2	Lazer
Parati	RJ	3,8	Lazer
Campinas	SP	3,8	Negócios
São Gabriel	RS	3,7	Lazer

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

As visitas realizadas pelos turistas internacionais no território brasileiro apresentam uma distribuição que se desenha junto às distribuições da população e das infraestruturas urbanas e atrativos turísticos. Tais características não são exclusivas do turismo internacional, pois “o grau de urbanização de dada localidade tem relação direta, pois, com as possibilidades de desenvolvimento da modalidade de turismo predominante no mundo - turismo de massa - em seu território.” (CRUZ, 2003, p. 15).

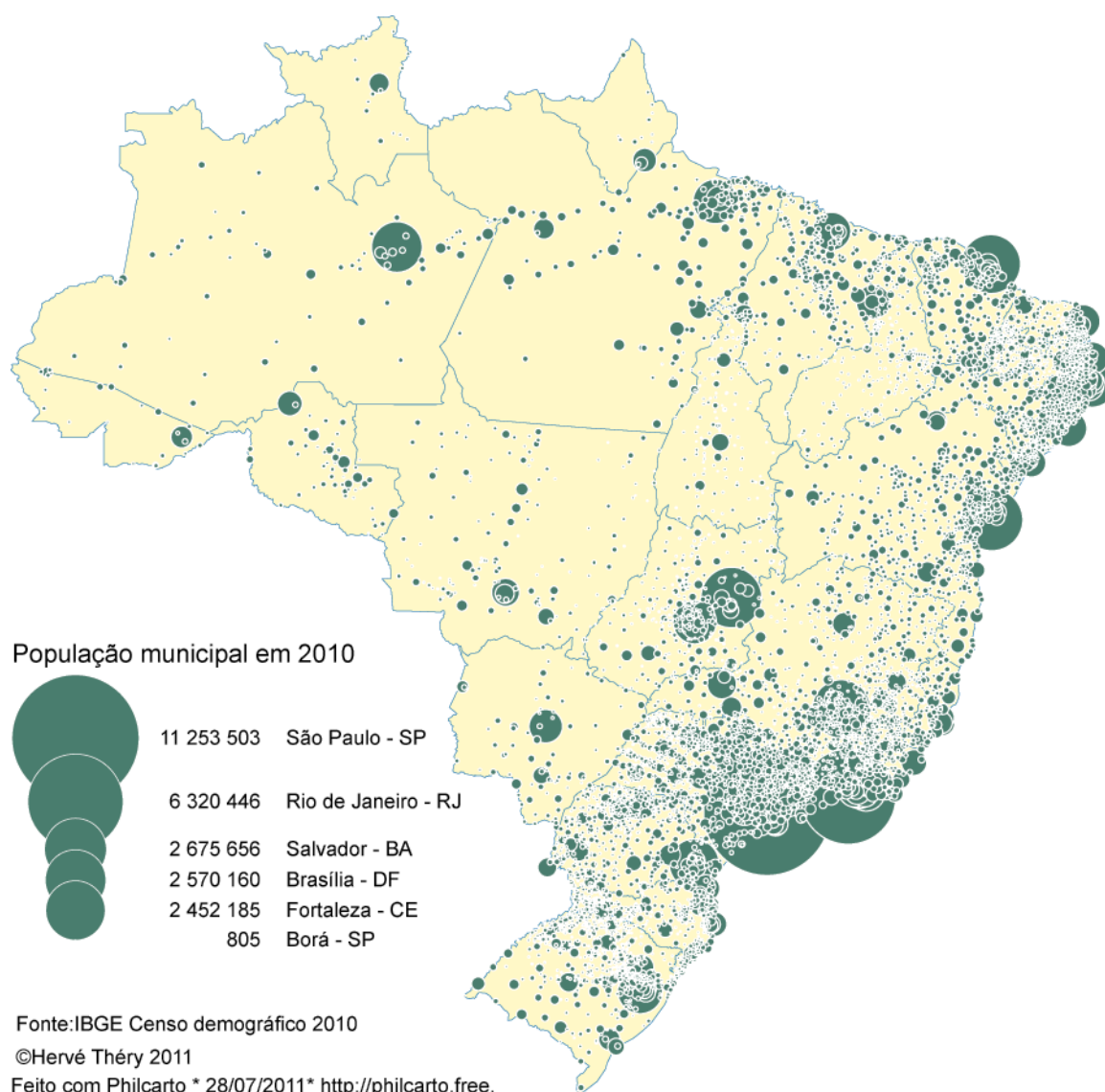
Comparando as duas imagens do território brasileiro (Figuras 12 e 13), a primeira com as cidades mais visitadas pelos turistas internacionais e a segunda com a distribuição populacional entre os municípios brasileiros, é possível visualizar as duas composições territoriais concentradas nos centros urbanos da faixa litorânea.

**Figura 12- Distribuição dos principais destinos brasileiros visitados pelo fluxo turístico internacional, em 2012, em %**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2012.

**Figura 13 – Distribuição da população municipal brasileira, em 2010**



Fonte: Elaborado por Hervé Théry com dados de IBGE Censo demográfico 2010.<sup>9</sup>

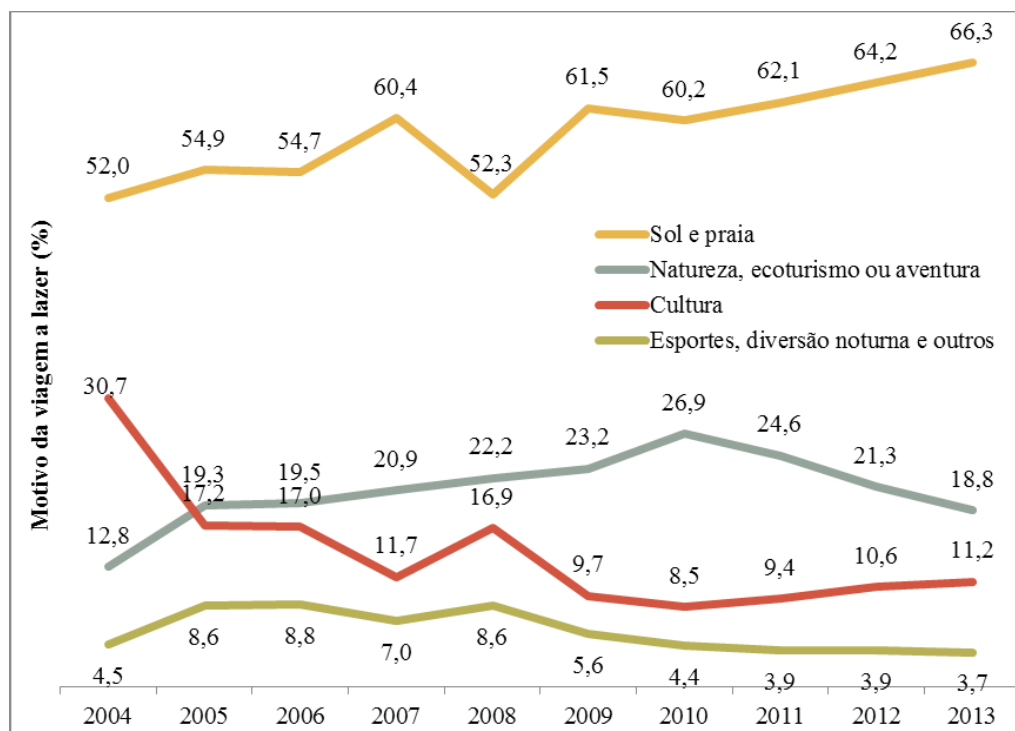
Estima-se que, em 2013, quase metade dos turistas que visitaram o país tinha lazer como a principal motivação da viagem. Do restante, 25% viajaram a negócios, eventos e convenções; 22,1% possuíam visita a amigos e parentes como o principal motivo de viagem; e 6,4% apresentaram outros motivos de viagem (religião, saúde e outros).

As características gerais do fluxo receptivo internacional destacam o Brasil como um destino de lazer, com crescente importância para ‘sol e praia’ como atrativo, conforme Figura 14. O resultado disso é o fluxo de turistas internacionais alinhado à faixa de concentração

<sup>9</sup> THÉRY, Hervé. Mapa da população brasileira, baseado em dados de IBGE Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://geografia.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/41/as-boas-novas-sobre-a-populacao-brasileira-de-acordo-250283-1.asp>>. Acesso em: 13 out. 2014.

populacional brasileira: na faixa litorânea do país, onde também estão os grandes centros urbanos.

**Figura 14 – Principal atrativo de viagens a lazer para o Brasil, 2004-2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil.

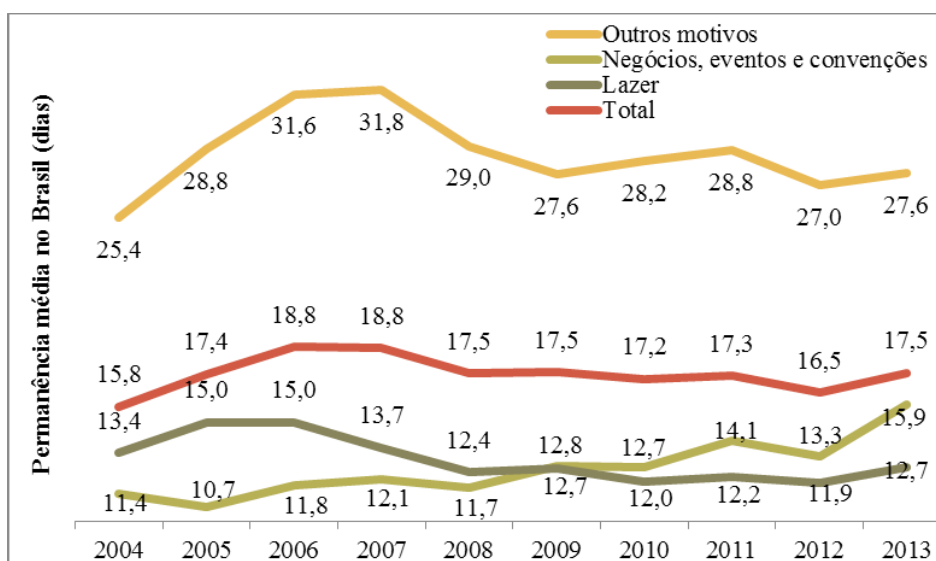
Os autores Macedo e Pellegrino (2002, p.157) mencionam o cenário histórico da ocupação da faixa litorânea brasileira, especialmente, a partir do século XX, quando uma nova forma de ocupação urbana se baseava no hábito de banhos de mar, induzindo a “formalização de dois tipos de ocupação urbana de característica residencial no litoral”: bairros residenciais inseridos num contexto urbano complexo (como nas cidades do Rio de Janeiro, Vitória e Santos) e bairros e núcleos destinados à segunda residência, de férias e feriados (como em Canasvieiras, em Florianópolis – SC, e em Itaúnas – ES). Nesse contexto, o fluxo dos turistas internacionais motivados por sol e praia também fomenta e utiliza as estruturas urbanas concentradas no litoral.

Ainda, o atrativo ‘Natureza, ecoturismo ou aventura’ chama a atenção em segundo lugar, com uma tendência média a crescente de participação, considerando o período entre 2004 a 2013. Esse tipo de segmento pode influenciar a criação e maior manutenção de Unidades de Conservação de recursos naturais. Porém, isso ocorre de forma seletiva de acordo com os interesses de atratividade e expansão do turismo, além de ressignificar a

natureza como mercadoria e reserva de valor, sem evitar ainda possíveis impactos ambientais e sociais no local e seu entorno.

Em relação à permanência dos turistas internacionais no Brasil, a Figura 15 permite observar que as motivações lazer e negócios (respectivamente, com 17,5 dias e 12,7 dias, em 2013) possuem uma menor média de permanência em relação a outros motivos, que apresenta uma média de 27,6 dias, em 2013, fortemente influenciado por visitas a amigos e parentes.

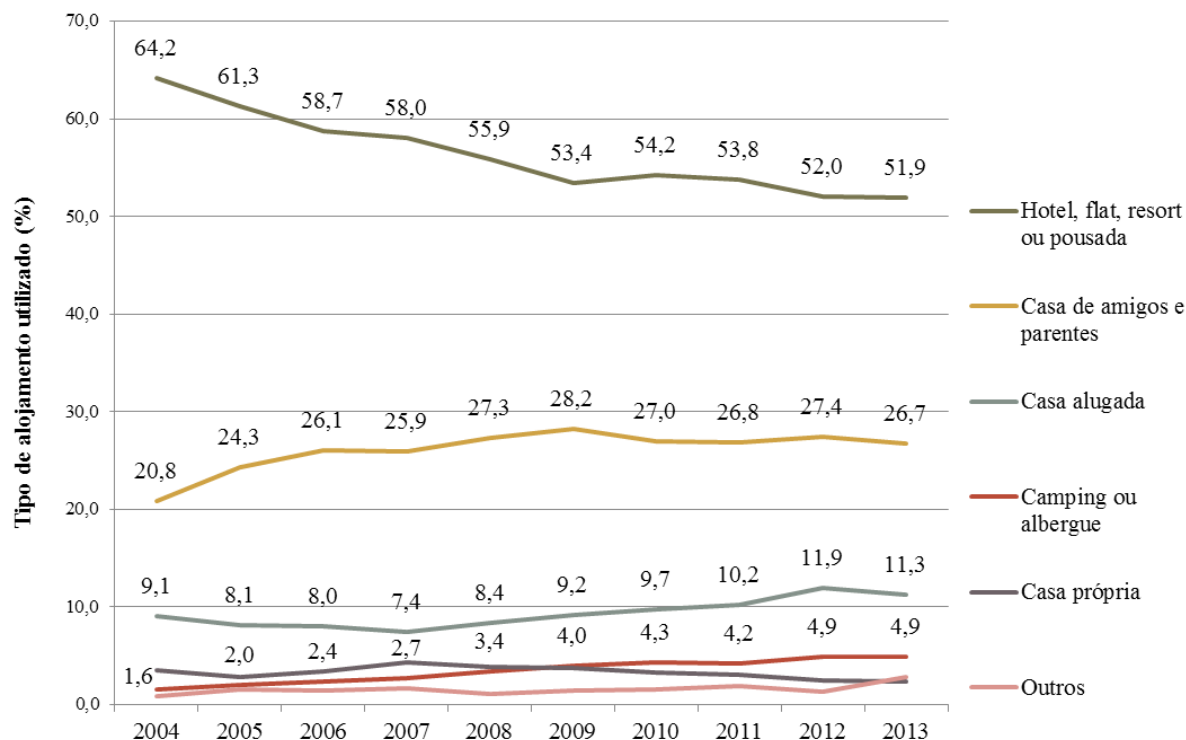
**Figura 15 – Permanência média do turista internacional no Brasil, 2004-2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil.

Em relação aos equipamentos de hospedagem utilizados pelos turistas internacionais no município brasileiro em que permaneceu mais tempo da viagem (Figura 16), embora hotel, flat, resort ou pousada mantenham a proporção de mais de 50% em relação aos outros tipos, eles apresentam declínio de 12% de sua participação entre 2004 e 2013 (de 64,2% - em 2004 – para 51,9% - em 2013), perdendo espaço para casa de amigos e parentes (de 20,8%, em 2004, para 26,7%, em 2013), casa alugada (de 9,1%, em 2004, para 11,3%, em 2013), e camping ou albergues (de 1,6%, em 2004, para 4,9%, em 2013).

**Figura 16 – Tipo de alojamento utilizado na cidade brasileira em que permaneceu mais tempo, 2004-2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil.

Somente com essas informações e sem realizar um estudo mais focado e aprofundado no tema não é possível compreender sobre possíveis impactos da uma redução da participação do setor hoteleiro entre as viagens internacionais no Brasil. De todo o modo, é importante colocar que esse setor, no Brasil, conta com a participação intensa de cadeias hoteleiras internacionais, ainda mais que, segundo Falcão (2002, p. 68), “submeter os seus produtos às redes internacionais de comercialização é, para essas empresas, a condição para atingir mercado”.

Tais cadeias são responsáveis pela implantação de competitivos padrões de comercialização e de serviços e infraestrutura, e, por consequência, de forte homogeneização, formando uma rede turística transnacional, em detrimento de hotéis familiares de capital nacional.

Conforme explica Ferrara (2002, p. 22), uma das modalidades básicas do turismo coloca “o carro alugado e/ou o conforto dos apartamentos de hotel como extensão da vida privada e do cotidiano habitual, vive-se fora como se vive na própria casa”. Assim, a

padronização e a homogeneização se fazem requisito para esse tipo de demanda turística moderna.

Com isso, investimentos hoteleiros podem ter foco no mercado turístico doméstico, preponderante no turismo do Brasil, mas são dos mesmos investimentos que se beneficiam e se sustentam os fluxos turísticos internacionais, sendo ambos os tipos de turismo inseridos num sistema de empresas privadas multinacionais – o que inclui cadeias hoteleiras, operadoras de viagens e companhias aéreas.

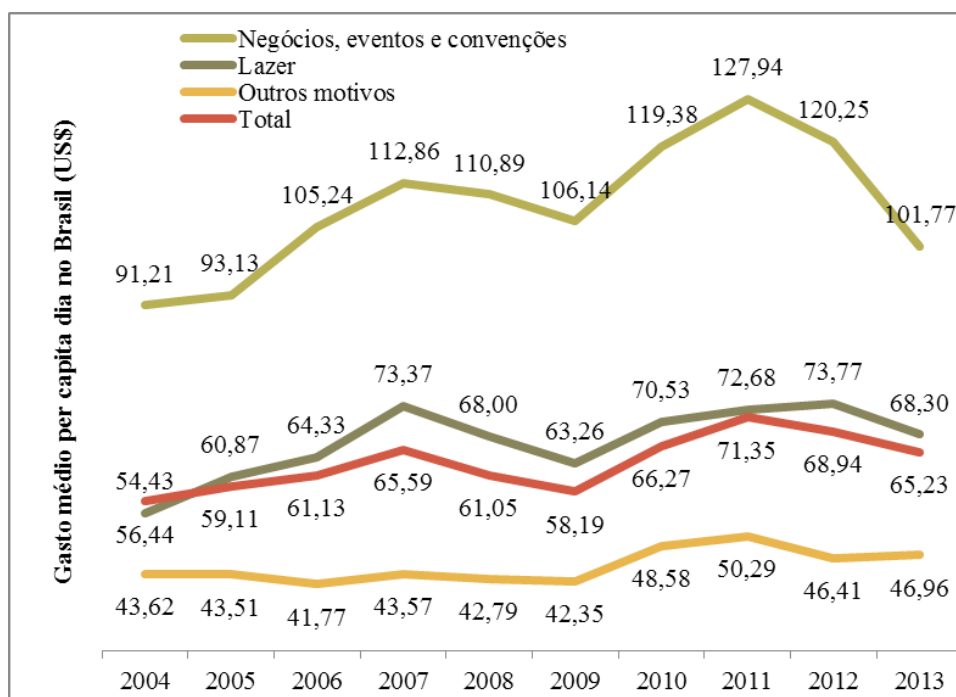
Em complemento, Coriolano (2006, p. 369) analisa essas novas configurações geográficas que resultam, muitas vezes, em conflito de interesses entre a população local e o Estado junto a agentes de mercado e suas pretensões de reordenação do território para o turismo, tendo assim:

“regiões litorâneas, originalmente ocupadas pelos indígenas, pescadores, comunidades tradicionais – os chamados “povos do mar” –, são expropriadas para dar lugar às segundas residências, aos grandes *resorts*, às cadeias hoteleiras, aos restaurantes e demais equipamentos turísticos, como parques temáticos, por exemplo”. (CORIOLANO, 2006, p.369).

As características apresentadas indicam o que coloca Ferrara (2002, p. 20) ao discorrer sobre o turismo moderno, que “de um lado, é atividade eminentemente urbana, de outro, não é comum a todos, mas destina-se, apenas, aos privilegiados que ‘podem virar turistas’”.

Voltando às informações da pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Fluxo Internacional no Brasil, esta considera com destaque os gastos dos turistas entre suas variáveis, que, quando *per capita*/dia são associados à principal motivação de viagem e se apresentam muito superiores para os turistas a negócios, eventos e convenções (US\$ 101,77, em 2013) em comparação a lazer (US\$ 68,30) e outros motivos (US\$ 46,96), conforme Figura 17.

**Figura 17 – Gasto média per capita dia no Brasil, 2004-2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil.

É possível associar gastos com motivação de viagem, porque o turista a negócios, feiras e convenções, mesmo se caracterizando por permanecer menos dias em função de sua motivação, se destaca pelo uso predominante de equipamentos e serviços privados, como hotéis, restaurante e transporte individual. Por outro lado, o turista em visita a amigos e parentes (maior grupo que compõe outros motivos e que permanece mais tempo no país) se distingue pelo uso preponderante de serviços e equipamentos não pagos ou pagos por terceiros residentes no país<sup>10</sup> (como casa de amigos e parentes).

Em relação à variável de renda média individual do turista, tem-se que os países de origem que apresentam maiores médias de rendas por turista são Estados Unidos (5.880 US\$), Suécia, Suíça, Canadá, Noruega, Inglaterra, Holanda, França, Alemanha, Japão, Bélgica, Áustria; seguidos por México, Portugal, Espanha, Itália, Chile, China, Colômbia, Peru, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia (com 1.569 US\$) - país cuja renda média individual dos turistas equivale a 27% da dos Estados Unidos.

<sup>10</sup> Os gastos estimados do turismo internacional no Brasil consideram os serviços e produtos pagos por divisas provenientes de outro país que não o destino, incluindo, portanto, apenas valores representantes de fluxo de divisas internacionais. Desse modo, gastos realizados por terceiros que residem e trabalham no destino em apoio ao visitante não são considerados como gastos do turismo internacional.

Tal concentração territorial das rendas dos turistas por países explicita o turismo alinhado às condições da Globalização atual no espaço geográfico com seletivos fluxos tanto de turista quanto de divisas.

Dessa dinâmica de fluxos de capital, é importante perceber que não raro países ricos, que são os maiores receptores do fluxo do turismo internacional, segundo Falcão (2002, p.68), “se apropriam proporcionalmente da maior parcela de renda gerada”. Isso ocorre, segundo o autor, em função das condições de “internacionalização da produção e a integração dos lugares periféricos”, que exemplifica:

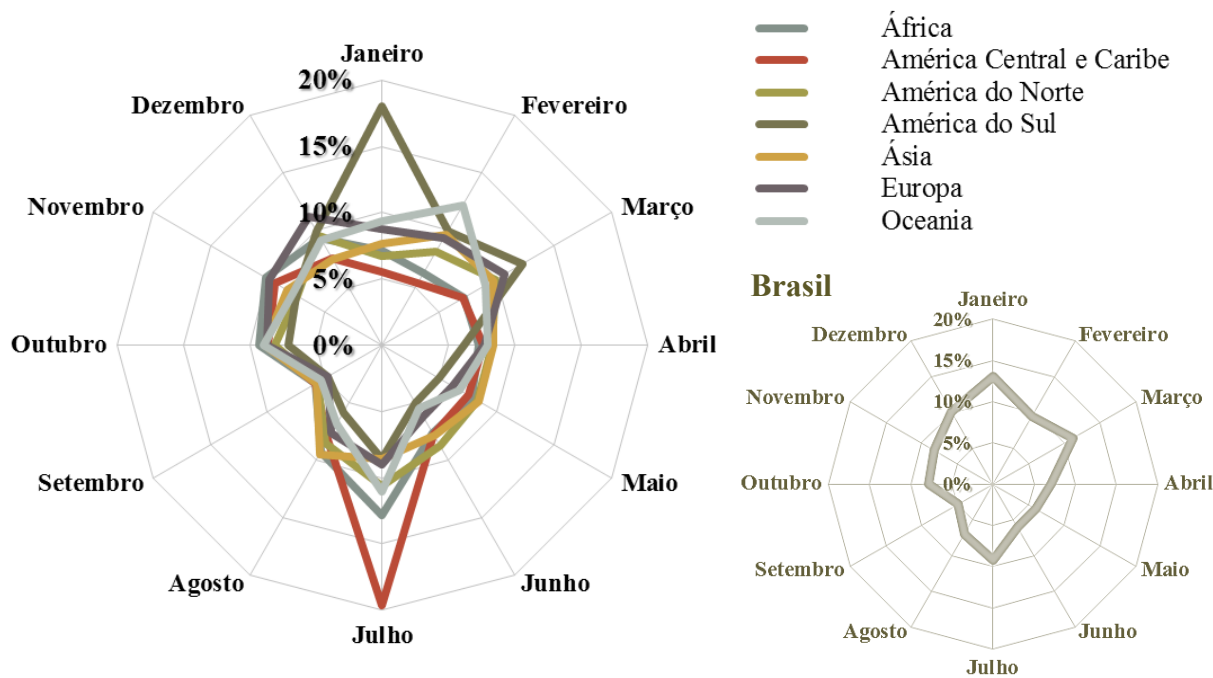
“Em torno de 30% das agências locais que operam com o receptivo internacional são empresas vinculadas ao capital externo, em sua maioria, filiais de cadeias internacionais de agências de viagens. Com relação aos meios de hospedagem, dos onze hotéis categoria cinco estrelas em operação no Rio, cinco são ligados a cadeias internacionais, oferecendo (...) 44% do total oferecido pela categoria (Estimativa baseada em pesquisa de campo, em consulta a publicações especializadas e em contatos com profissionais do setor)”. (FALCÃO, 2002, p. 73).

A importância da renda para o turismo é tratada com ênfase nas pesquisas. Em relatório, o MTur (2003a) coloca o turismo como “uma atividade de demanda, associado ao consumo, sendo seu desempenho fortemente influenciado pelo crescimento no nível de renda dos consumidores efetivos e dos demandantes potenciais”.

Outra característica importante a respeito do fluxo turístico é a sua sazonalidade. O fluxo de turistas costuma se comportar em função de período determinado para tempo livre do trabalho, se diferenciando, assim, em função das categorias de motivações de viagem.

No caso de viagens motivadas por férias e lazer, por exemplo, o período de maior fluxo se vincula às férias escolares, grandes feriados e às estações de verão-inverno. No Brasil, conforme Figura 18, o fluxo receptivo de turistas internacionais são maiores nos meses de janeiro, fevereiro, março, e em julho e outubro, se concentrando com maior ou menor intensidade entre os meses em função da região de origem.

**Figura 18 – Distribuição mensal do turismo receptivo internacional no Brasil, 2013**



Fonte: Elaboração própria com base em BRASIL. Ministério do Turismo. Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013.

Tal informação, se trabalhada junto a outras variáveis, pode revelar sobre as condições dos empregos gerados pelo turismo e, de modo mais amplo, sobre as pressões e limitações que os fluxos turísticos realizam sobre o espaço geográfico com sua efemeridade e inconstância, condicionando todo um modo de vida do lugar e o estabelecimento e manutenção de toda infraestrutura relativas à atividade.

#### *Os principais países emissores do turismo internacional ao Brasil*

Em 2013, os dois principais países emissores de turistas ao Brasil, Estados Unidos e Argentina, somaram 39,6% do total de turistas internacionais no país. Em números absolutos, foram 1,7 milhão de residentes da Argentina em visita ao país, e 592 mil residentes dos Estados Unidos (Tabela 7, p. 36).

O perfil do fluxo que esses dois países emitem ao Brasil, no entanto, é bastante distinto, sendo que este capítulo abordará apenas algumas variáveis básicas do perfil desses turistas.

Dentre os destinos mais visitados a lazer, o município do Rio de Janeiro é o principal entre os residentes nos Estados Unidos, com visita em 66,5% das viagens realizadas, seguido

por Foz do Iguaçu, com 26,4% e São Paulo, com 23,2%. Os municípios de Salvador-BA, Manaus-AM, Parati-RJ, Florianópolis-SC e Porto Alegre, somam 27,7%.

No caso dos turistas residentes na Argentina, estes concentram visitas a lazer ao estado do Rio de Janeiro e à região Sul. O destino mais visitado é Florianópolis-SC (26,2%), seguido por Rio de Janeiro-RJ (13,6%), Bombinhas-SC (11,5), Armação de Búzios-RJ (11,4%), Foz do Iguaçu-PR (9,7%), São Gabriel-RS (7,9%), Balneário Camboriú-SC (6,4%) e Itapema-SC (4,2%).

O município de São Gabriel-RS chama a atenção entre os destinos mais visitados e se justifica pelo papel de cidade dormitório na rota rodoviária realizada por muitos dos turistas vindos da Argentina em direção às praias do Sul e Sudeste do Brasil.

Um levantamento sobre este fluxo, que utiliza rodovias com automóveis e ônibus para percorrer grandes distâncias, possui demandas de método de pesquisa diferentes em relação a, por exemplo, um levantamento sobre o fluxo entre países europeus, que cruzariam fronteiras terrestres percorrendo distâncias bem menores e com possibilidades mais amplas de tipos de deslocamento, que incluem uma ampla malha ferroviária, geralmente, sem paradas e com serviços de toalete e restaurante ou bar no interior do vagão.

De toda forma, vale mencionar que, viajando de carro entre alguns países europeus, a paisagem específica do asfalto e dos serviços em suas margens é semelhante ao que se encontra no Brasil, principalmente, em relação aos postos de serviços com alimentação padronizados (incluindo *McDonald's*) e suas vagas de estacionamento, ou aos pedágios – ainda que com tecnologias e cálculos distintos de cobrança.

Em relação aos Estados Unidos, estima-se que, em 2013, apenas 1% de seus residentes que viajaram ao exterior visitou o Brasil; e 7% dos viajantes norte-americanos visitaram algum país da América do Sul, segundo EUA (2013).

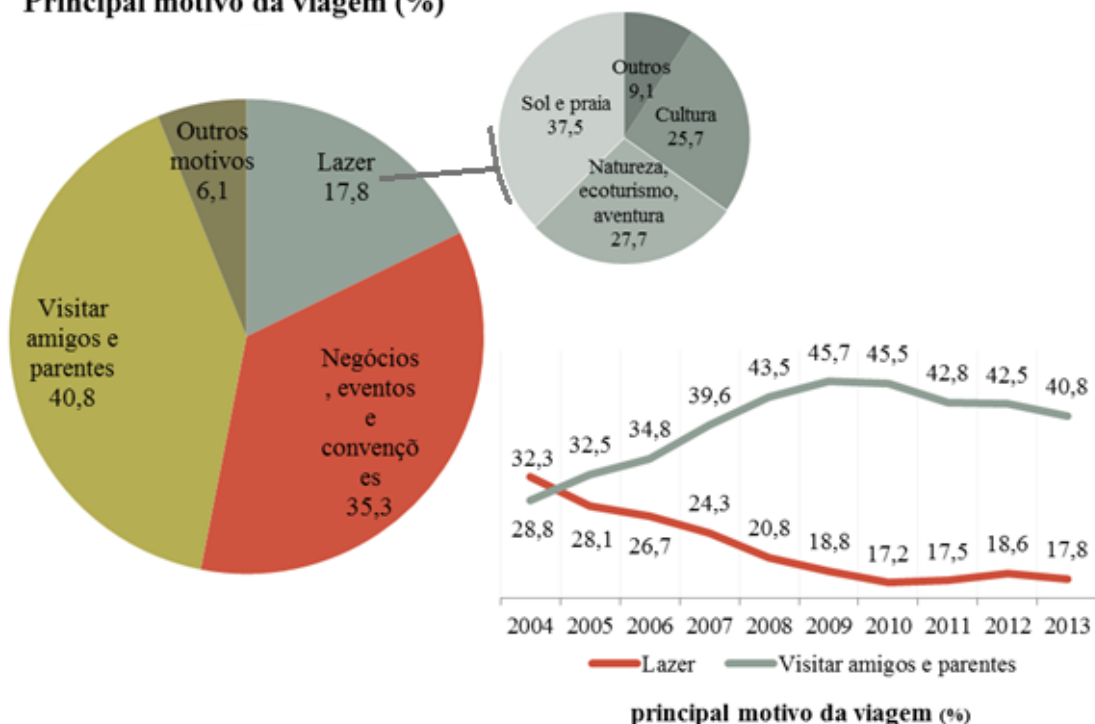
Ao analisar o perfil desses turistas residentes nos Estados Unidos, de 2013 (Figura 19), esses correspondem a cerca de 10% do fluxo turístico ao Brasil e apresenta a principal motivação de viagem com uma distribuição diversificada entre visitar amigos e parentes (40,8%), negócios, eventos e convenções (35,3%), lazer (17,8%) e outras (6,1%).

Considerando a série histórica desde 2004 é possível perceber uma redução contínua do lazer como principal motivação desses turistas, simultânea ao crescimento da motivação de

visita a amigos e parentes, que, em 2004, participava de 28,8% do total e, em 2013, apresentou 40,8%. Os elementos brasileiros de atração vinculados ao lazer se distribuem com dispersão equilibrada entre sol e praia (37,5%), natureza, ecoturismo e aventura (27,7%) e cultura (25,7%) como os principais atrativos dos norte-americanos.

**Figura 19 – Principal motivo de viagem e principal atrativo de viagens a lazer dos turistas residentes dos Estados Unidos que visitaram o Brasil, em 2013 (%)**

**Principal motivo da viagem (%)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

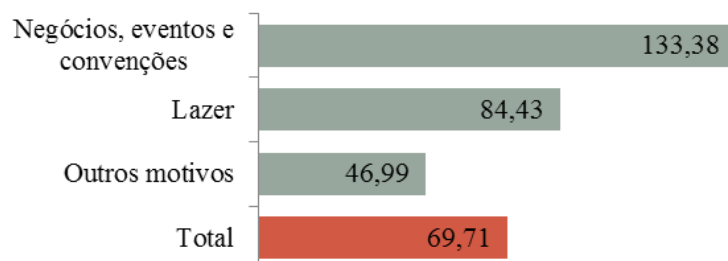
Os tipos de alojamento predominantemente utilizados, em 2013, pelos turistas residentes nos Estados Unidos foram ‘hotel, flat ou pousada’ (46,2%) e ‘casa de amigos e parentes’ (42,3%), que somam quase 90% do total. Já a permanência média, no mesmo ano, foi de 20,5 dias.

A forte presença da motivação em visitar amigos e parentes e do tipo de alojamento em casa de amigos e parentes converge para a informação de que, entre os imigrantes brasileiros, mais de 20% residem nos Estados Unidos, segundo Censo 2010 do IBGE.

Ao observar o gráfico que mostra os gastos realizados no Brasil por turistas dos Estados Unidos, por dia e por pessoa (Figura 20), observam-se gastos mais elevados quando a

principal motivação é negócios, eventos e convenções; gastos intermediários quando lazer; e gastos menores quando outros motivos – que incluem visita a amigos e parentes.

**Figura 20 – Gasto médio per capita dia no Brasil (US\$) dos turistas residentes dos Estados Unidos, em 2013, por motivação de viagem**



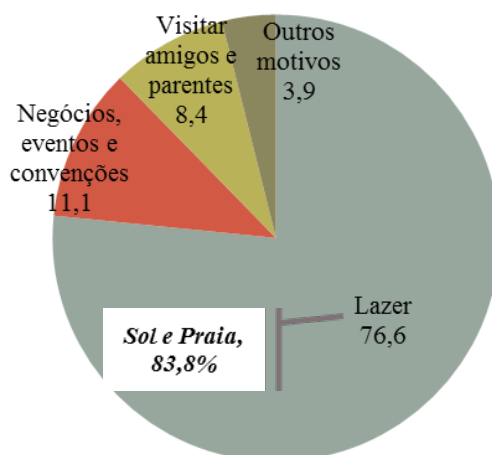
Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

A variação da média dos gastos por motivação é uma tendência bastante generalizada do fluxo turístico e ocorre porque muitos dos turistas que visitam amigos e parentes limitam ou zeram seus gastos com hospedagem ao ficarem em residências de terceiros sem custos e com utilização de caronas - diferente do que ocorre com os gastos com hospedagem dos turistas a negócios, eventos e convenções, que tendem a ficar em hotéis e flats, a frequentar almoços e jantares de negócios e a utilizar táxis e carros alugados, agregando maiores custos ao total da viagem.

A Argentina é o maior país emissor de turistas ao Brasil e o fluxo de seus residentes em visita ao Brasil representou 19,6% do turismo emissivo internacional argentino, em 2008 (percentual próximo ao do Chile, que recebeu 20,6% do fluxo argentino), segundo UNSAM - Universidad Nacional de San Martín (2009).

A principal motivação de viagem de seus residentes se apresenta concentrada em lazer, com 76,6% das motivações em 2013; e tendo ‘sol e praia’ como o principal atrativo para 83,8% dos turistas que viajaram a lazer no mesmo ano (Figura 21).

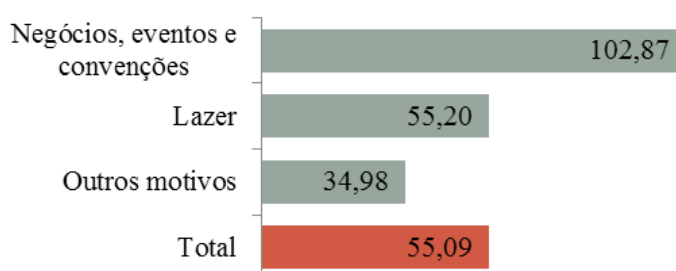
**Figura 21 - Principal motivo de viagem e principal atrativo de viagem a lazer dos turistas residentes da Argentina que visitaram o Brasil, em 2013 (%)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Ainda sobre o turista residente na Argentina, os três principais tipos de alojamento utilizados, em 2013, foram hotel, flat ou pousada (52,3%), casa alugada (24,7%) e casa de amigos e parentes (13,7%), que somaram 90,7% do total. Já a permanência média, no mesmo ano, foi de 11,3 dias menor que a dos residentes nos Estados Unidos. Também menores são os gastos desses turistas argentinos, por dia e por pessoa. Enquanto a média norte americana foi de quase US\$ 70, a Argentina teve um gasto 20% menor, com US\$ 55 (Figura 22).

**Figura 22 - Gasto médio per capita dia no Brasil (US\$) dos turistas residentes da Argentina, em 2013, por motivação de viagem**



Fonte: Organizado pela autora com base no Anuário Estatístico de Turismo 2014 – ano base 2013. BRASIL. Ministério do Turismo.

No turismo internacional, quanto maior a distância origem-destino, maiores costumam ser a permanência e os gastos dos turistas.

No mais, um conjunto de informações levantado pela pesquisa do turismo receptivo é a avaliação do turista para uma série de itens como “preços”, “segurança pública”, “serviço de táxi”, “transporte público”, “restaurante”, “gastronomia”, “limpeza pública”, “hospitalidade”,

“rodovias”, entre outros. Tais itens por si só são simplistas em sua definição – o que não deixa de ser de algum modo necessário para entrevistas de uma pesquisa quantitativa. Porém, o resultado desse tipo de avaliação está carregado da cultura e das experiências que o entrevistado possui sobre cada item, que não podem ser controladas pela pesquisa. Assim, o que é bom para um, pode não ser bom para outro, relativizando a avaliação e seu resultado.

Ao pensar nos perfis de turistas residentes nos diversos países emissores de turistas ao Brasil é importante conhecer os contextos histórico-culturais, políticos, econômicos e sociais, que os envolvem junto a uma complexidade e simultaneidade de relações entre objetos e ações.

No caso dos dois países com os perfis básicos de turistas descritos, os fluxos podem ser influenciados por fatores, como distância e acesso aos destinos, tempos de deslocamento, políticas de fronteira e de cooperação entre países, potencial de consumo de seus residentes, políticas cambiais e de taxações, e identidade cultural e histórica, entre outros.

Assim, as estatísticas sobre o tema devem apoiar o conhecimento e a ação sobre os impactos e transformações geradas pelo fluxo nos espaços do turismo e em suas diferentes escalas, considerando ainda análises mais sofisticadas sobre a tão citada geração de renda ou divisas pela atividade.

### **5.3 Turismo emissivo internacional do Brasil**

Em breve consulta informal em *sites* de notícias e entrevistas a respeito do turista brasileiro no exterior, as maiores referências encontradas se lançam sobre o turista como gerador de fluxo de divisas do Brasil para o exterior e sobre o turista brasileiro no exterior como potencial turista doméstico.

Um desses conteúdos, que será utilizado como exemplo, é a reportagem do jornal Folha de S. Paulo<sup>11</sup> que trata do aumento dos gastos dos turistas brasileiros ao exterior e faz um comparativo direto com os gastos dos turistas estrangeiros no Brasil.

Nos gráficos apresentados nessa reportagem (Figuras 23 e 24), a movimentação de turistas brasileiros ao exterior é comparada às chegadas de estrangeiros, em números absolutos, revelando que, em 2009, houve uma inversão entre as proporções, quando o

---

<sup>11</sup> Folha de S. Paulo. Gasto de turista brasileiro sobe 10 vezes em 10 anos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/01/1391988-gasto-de-turista-brasileiro-sobe-10-vezes-em-10-anos.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

turismo emissivo internacional brasileiro superou o receptivo em número estimado de turistas. A partir de então, este número cresce em escala maior do que crescem os números do turismo receptivo internacional.

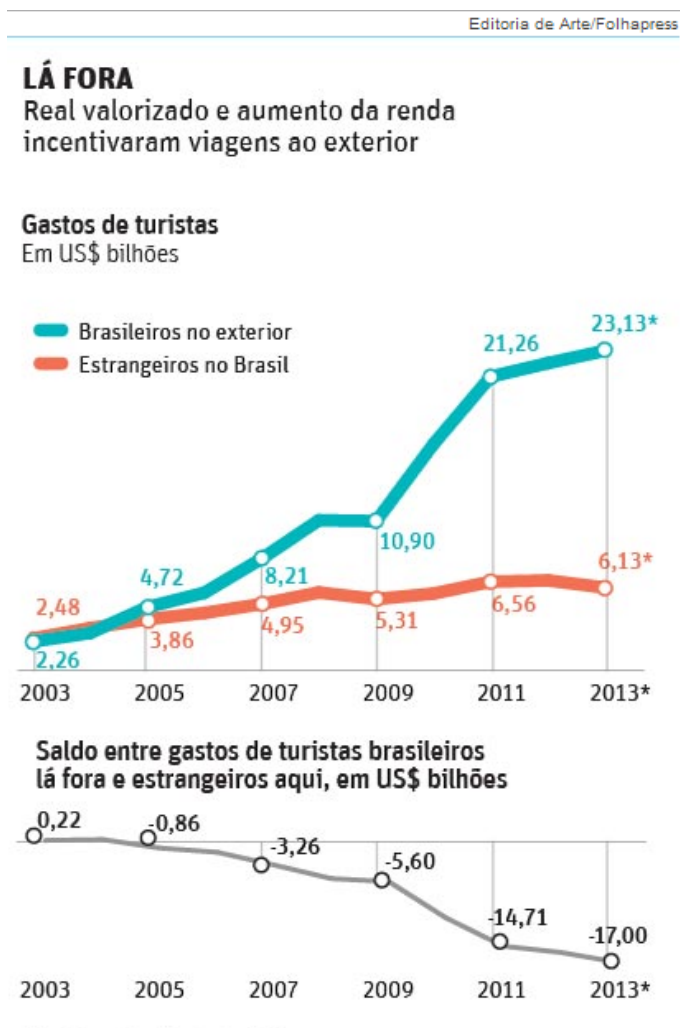
**Figura 23 – Movimentação de turistas emissivos e receptivos internacionais do Brasil**



Fonte: Banco Central. Ministério do Turismo e Embratur.

Um segundo dado relevante que costuma ser exposto e consta como assunto principal deste tipo de reportagem são os gastos que os turistas brasileiros realizam no exterior. O brasileiro é tido entre os turistas com os maiores gastos turísticos, em países como Estados Unidos e Argentina. Só nos Estados Unidos, em 2013, o Brasil foi o quinto maior país emissor de turistas internacional e o sexto maior país em volume de divisas turísticas internacionais.

**Figura 24 – Gastos e saldo de turistas emissores e receptivos internacionais do Brasil**



Fonte: Banco Central. Ministério do Turismo e Embratur.

Nos dois gráficos da Figura 24, a reportagem mencionada expõe que o volume de gasto anual pelos turistas brasileiros no exterior é muito superior e com intensa taxa de crescimento em relação ao avanço mais tímido dos números do turismo receptivo brasileiro, provocando um saldo negativo em relação às divisas do turismo internacional que ficariam no país.

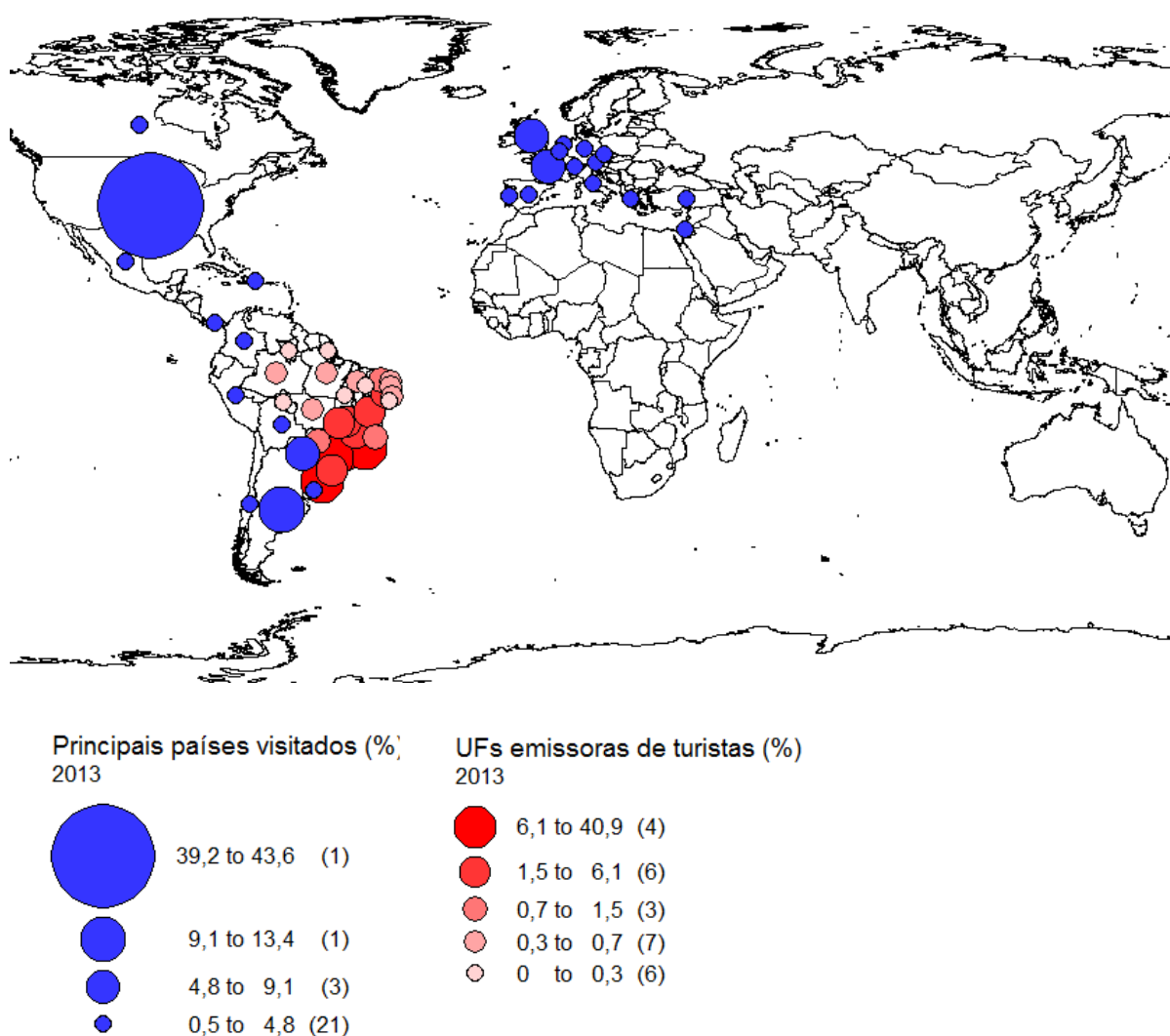
Para apresentar algumas características do fluxo de turistas residentes no Brasil que visitam o exterior começa-se pelas informações básicas sobre as características de viagem desse fluxo.

Primeiramente, os países mais procurados como destinação dos turistas residentes no Brasil são os Estados Unidos – visitado em 43,5% das viagens de 2013, seguidos pela Argentina (10,8%), pelo Paraguai (7,4%), França (5,9%), Reino Unido (4,9%), Itália (4,7%),

México (4,7%), Alemanha (4,5%), Portugal (4,0%) e Espanha (3,0%). Os países sul-americanos Peru, Bolívia, Uruguai e Chile seguem com visitas em 2,4%, 2,3%, 2,1% e 1,9% do total de viagens.

A partir desta distribuição, é importante notar a forte concentração do fluxo emissivo do Brasil sobre um único país: Estados Unidos. Com isso, a Figura 25 expõe a distribuição de países visitados concentrada em duas ‘ilhas’: uma no continente americano e outra na Europa e países próximos.

**Figura 25 – Mapa da distribuição dos principais países visitados por turistas brasileiros e UFs brasileiras emissoras de turistas ao exterior, em 2013**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Ainda observando a Figura 25, os estados de residência desses turistas internacionais (em UFs – Unidade de Federação) apresentam configuração muito similar à distribuição dos destinos brasileiros visitados pelos turistas residentes no exterior, ou seja, os maiores estados emissores de turistas ao exterior são os principais receptores de turistas internacionais.

Em 2013, conforme Tabela 10, os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro foram os principais emissores com 40,9% e 14,2% do fluxo, respectivamente. Os seis estados com maior participação foram das regiões Sul e Sudeste: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná (9,7%), Rio Grande do Sul (9,3%), Minas Gerais (6,1%) e Santa Catarina (4,4%).

**Tabela 10 – Principais UFs emissoras de turistas internacionais do Brasil**

UF	2013
SP	40,86
RJ	14,15
PR	9,65
RS	9,31
MG	6,06
SC	4,42
DF	2,49
BA	1,87
PE	1,62
GO	1,54
CE	1,44
ES	1,27
MS	1,20
MT	0,68
PA	0,68
RN	0,52
AM	0,42
PB	0,41
AL	0,36
MA	0,35
SE	0,24
PI	0,14
RO	0,13
TO	0,11
AP	0,04
RR	0,04
<b>Total</b>	<b>100</b>

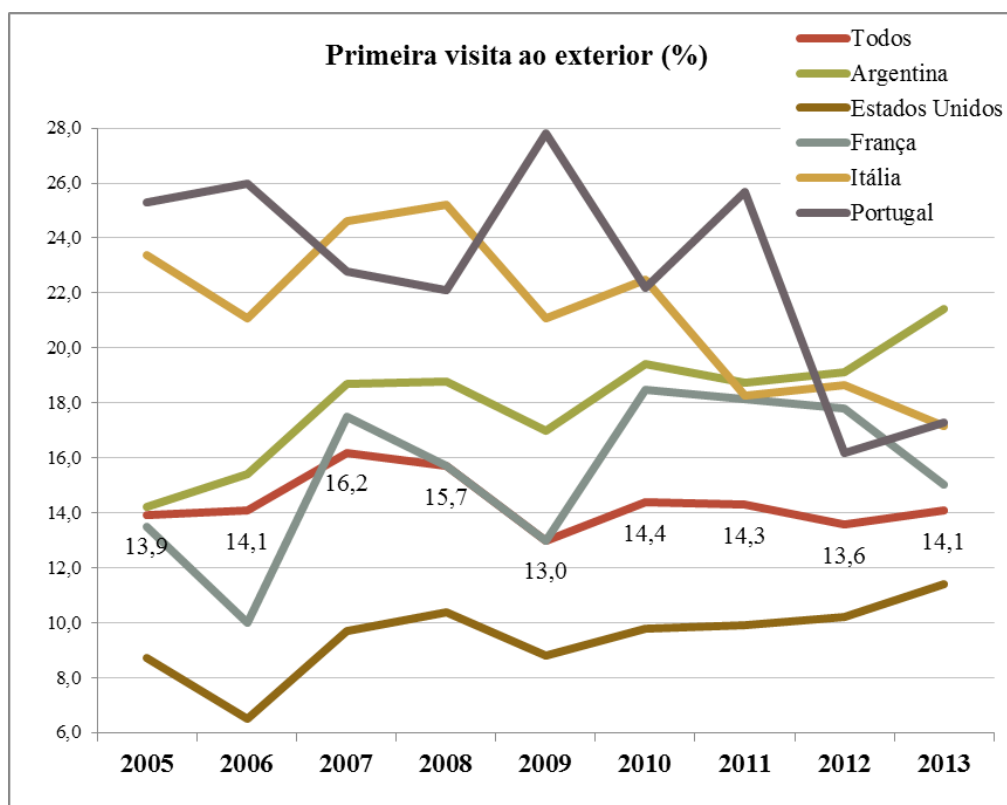
Fonte: Organização própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e

As principais características das viagens realizadas pelos residentes no Brasil ao exterior são expostas com base na série histórica de 2004-2013 da pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil, do Ministério do Turismo.

Dentre os maiores países receptores, Portugal, Itália e Argentina recebem uma média mais alta de turistas do Brasil em sua primeira viagem ao exterior, na série histórica, embora haja oscilações consideráveis, conforme mostra Figura 26. Já Estados Unidos e outros países acolhem uma menor proporção de turistas do Brasil que viajam pela primeira vez ao exterior, embora, desde 2005, os percentuais neste destino tenham apresentado crescimento - e 9%, em 2005, para quase 12%, em 2013. Em 2013, se destaca a Argentina como o país que mais recebeu turistas brasileiros que viajavam pela primeira vez, apresentando tendência a manter o crescimento de sua participação.

As informações sobre turistas que viajam pela primeira vez a determinados países se aprofundada em conjunto com outras informações de perfil e de origem-destino, além das características econômicas que envolvem o fluxo, podem revelar relações entre lugares e culturas.

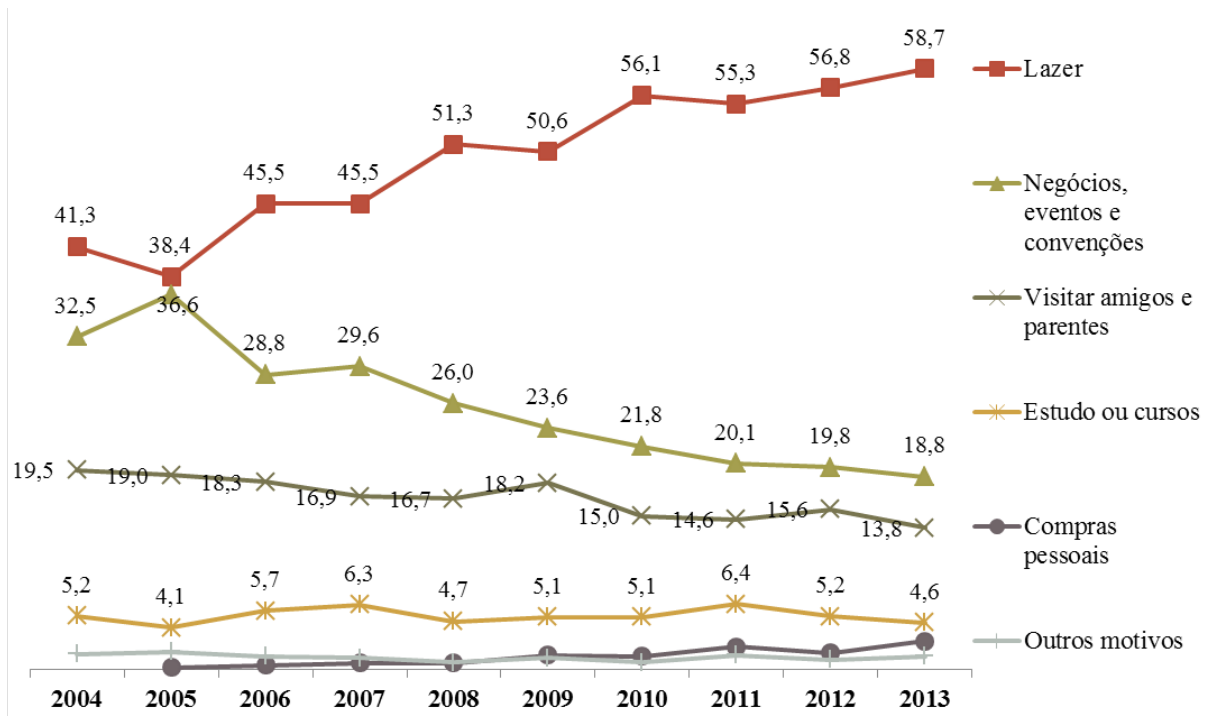
**Figura 26 – Turistas brasileiros que realizaram sua primeira visita ao exterior**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Em relação ao principal motivo de viagem ao exterior, o turista residente no Brasil tem no lazer o motivo predominante, apresentando aumento de participação entre os principais motivos, saindo de 41,3%, em 2004, para 58,7%, em 2013 (Figura 27).

**Figura 27 – Principal motivo de viagem ao exterior (%)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Em simultâneo, a motivação que apresentou queda na participação percentual durante esse período foi negócios, eventos e convenções, que passou de 32,5%, em 2004, para 18,8%, em 2013. Além dessa, a motivação de visitar amigos e parentes no exterior também reduziu sua participação entre as motivações de viagens dos residentes no Brasil, passando de 19,5%, em 2004, para 13,8%, em 2013.

Segundo Carlos (2002, p.29-30), a “indústria do turismo” produz comportamentos e modos de ver/estar em determinado lugar, em que “o lazer se refere ao distante, isto é, o espaço do lazer se dissocia do da vida e passa a referir-se a um lugar distante ligado ao sonhado ou imaginado”. O “consumidor do lazer” lida com “estereótipos, comportamentos e dados de lazer” criados pelos meios de comunicação e que restringem a “viagem a uma satisfação máxima imposta pelos padrões da sociedade de consumo”. (CARLOS, 2002, p. 34).

Tais informações abrem caminho para se pensar nas condições sobre as quais se movimentam os fluxos turísticos a outros países e nos impactos causados ao impor ao turista o papel de mero consumidor, tendo a motivação lazer frequentemente analisada a partir das variações do poder de consumo e de câmbio, quando esta deveria ser colocada à luz de um conjunto mais amplo de elementos relacionados.

Nas estatísticas do turismo emissivo internacional, as viagens a lazer apresentaram ‘cultura’ como principal atrativo, representando quase metade (44,7%) dos turistas que viajaram para fora do Brasil, em 2013, como exposto na Figura 28. Mas o que chama a atenção é o atrativo ‘parque de diversões’ como o segundo maior atrativo, com 18,9% do total, influenciado pela forte ocorrência de viagens aos Estados Unidos.

**Figura 28 – Principal motivo de viagem a lazer dos turistas brasileiros ao exterior, em 2013 (%)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

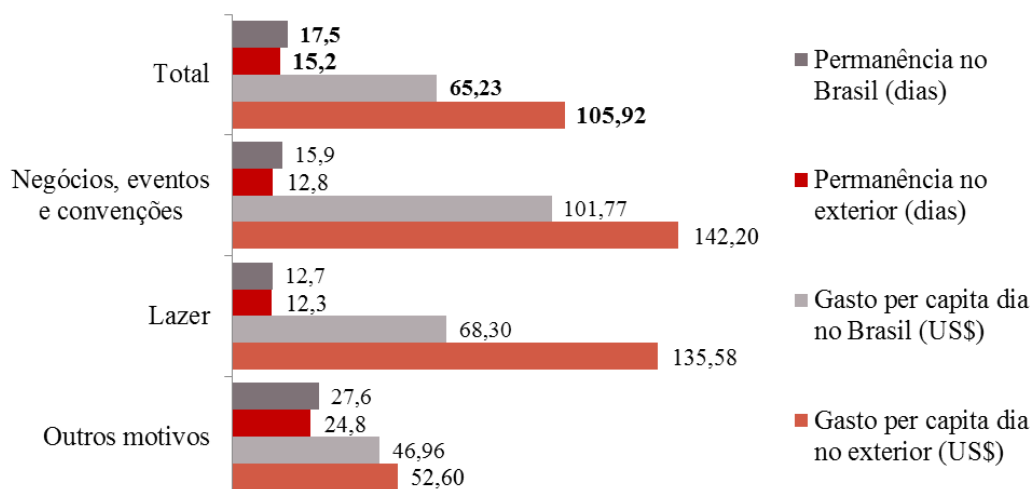
A Disneylândia é, segundo Carlos (2002, p.29) em referência a Umberto Eco<sup>12</sup>, “uma alegoria da sociedade de consumo, lugar do imaginário absoluto e também o lugar da passividade”, em que os indivíduos vivenciam sem reflexão ou vontade própria, limitados pelas barreiras físicas e “tubos metálicos dispostos em labirintos”.

Assim, a mensuração de elementos de atratividade e motivação do turista emissivo internacional do Brasil lida com um turista atraído por ‘cultura’ e ‘parque de diversões’, parte de num processo de cultura mundificada e de “concentração de arquétipos dos mais variados lugares do mundo reunidos em um só espaço, ou seja, onde não pode haver um contexto visual, cria-se um visual imaginário”. (FERRARA, 2002, p. 22)

Com comportamento convergente ao turismo internacional geral, os turistas do Brasil ao exterior apresentam maior permanência e menor gasto per capita por dia para “outros motivos” de viagem – que incluem visitas a amigos e parentes – e reduzida permanência e maiores gastos quando o principal motivo é “negócios, eventos e convenções”.

<sup>12</sup> Eco, U. *La guerre du faux*. Paris : Biblio Essais, 1985.

**Figura 29 – Comparativo entre permanência e gasto médios dos turistas receptivo (viagem ao Brasil) e emissivo (viagem ao exterior) do Brasil, em 2013, por motivação de viagem**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

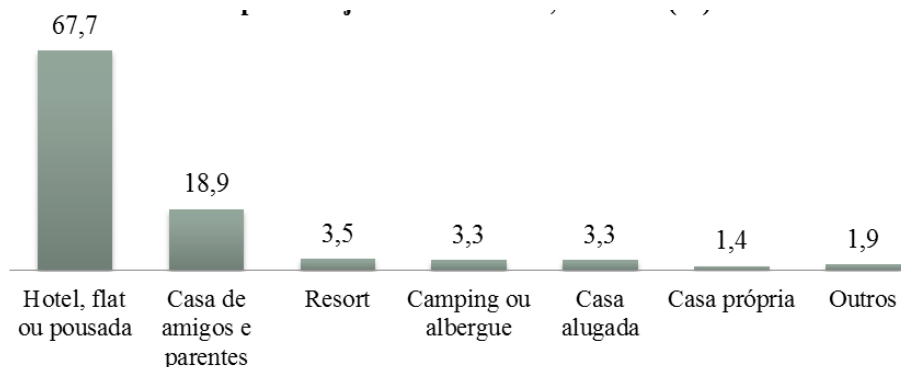
No entanto, se comparados o turismo internacional emissivo ao receptivo, o gasto médio *per capita*/dia dos residentes no Brasil que viajam ao exterior é bastante superior ao dos residentes do exterior que visitam o Brasil.

Em 2013, esses gastos realizados pelos turistas emissivos do Brasil foram cerca de 60% maiores que os gastos médios do turismo receptivo no Brasil. Já a permanência média do turista emissivo é menor em relação a do turista receptivo, principalmente, quando a motivação de viagem é negócios, feiras e convenções, conforme explicitado na Figura 29:

Essa comparação apenas nos indica superficialmente que o fluxo de divisas, por dia de viagem e por turista que transita entre Brasil e exterior, tende a ser mais intenso quando ocorre de dentro para fora do país, ou seja, da perspectiva do Brasil como emissor de turistas internacionais.

Os tipos de alojamento mais utilizados no exterior pelos turistas brasileiros são hotel, flat ou pousada, representando 67,7% do total, em 2013, seguidos por casa de amigos e parentes (18,9%), e resort (3,5%), conforme figura 30.

**Figura 30 – Principal tipo de alojamento utilizado no exterior pelo turista brasileiro, em 2013 (%)**

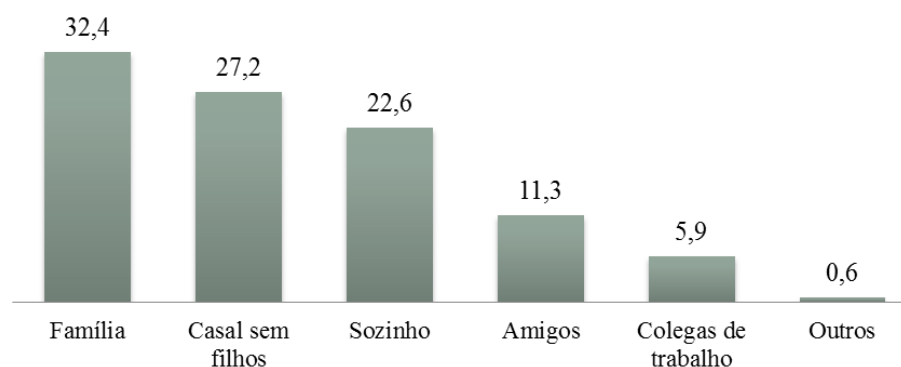


Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Tais meios de hospedagem representam duas condições de viagem aclamadas pelo turista moderno: conforto e segurança. Como colocara Ferrara (2002, p. 22), “o conforto dos apartamentos de hotel [se adequa] como extensão da vida privada e do cotidiano habitual, vive-se fora como se viver na própria casa”.

Outra característica, considerando dados de 2013, é de que quase 60% dos turistas internacionais emissivos viajam ao exterior em família/casal sem filhos; outra parcela (22,6%) viaja sozinha; e amigos e colegas de trabalho somam 17,2 do total (Figura 31). Em relação ao maior grupo, é interessante destacar que viagens em casal sem filho tiveram um aumento de aproximados 16%, de 2004 para 2013; e viagens em família tiveram uma redução de 11%, no mesmo período. São composições que apresentam perfis distintos de consumo turístico e cujos movimentos de mudança na escala temporal e espacial poderiam ser mais bem conhecidos.

**Figura 31 – Composição de grupo de viagem do turista brasileiro ao exterior, em 2013 (%)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

O turista internacional brasileiro costuma ser visto dentro de blocos de interesse de países receptores deste fluxo. No caso da Nova Zelândia<sup>13</sup>, por exemplo, num *site* do órgão federal de turismo do país, o Brasil é colocado como a economia que ultrapassa a do Reino Unido e possui uma expectativa de crescimento de 4,4%, em média, entre 2012 e 2014; um país cujos residentes viajando ao exterior cresceu 180%, entre 2006 e 2013, e com características de altos gastos e longas viagens - o que mostra como os aspectos econômicos do turismo não são priorizados apenas no Brasil.

Num outro *site*<sup>14</sup>, um relatório da European Tourism Association (ETOA) elenca particularidades de que os turistas brasileiros gostam sobre a Europa. Dentre algumas - como atividades culturais, oportunidades de compras e gastronomia -, chama a atenção o item ideia de sofisticação, que indica que é preciso ir além das variáveis básicas para entender o comportamento dos turistas. Assim, a construção da tal aclamada competitividade do mercado turístico se mostra tarefa muito mais complexa e questionável, incluindo questões de auto referência e identidade.

#### *Os principais países receptores do turismo internacional do Brasil*

Sendo Estados Unidos e Argentina os dois países que mais receberam turistas residentes do Brasil nos últimos anos, a caracterização do fluxo para cada país pode revelar similaridades e divergências do comportamento desses turistas e diferentes traçados e impactos sobre o território.

Assim, o turismo realizado por residentes no Brasil em viagem aos Estados Unidos e à Argentina começa a se caracterizar a partir dos lugares de residência dos turistas brasileiros, em que São Paulo é o maior estado emissor do fluxo total internacional e, não diferente, o maior emissor para os dois países (Tabela 11).

A distribuição da origem do fluxo em visita aos Estados Unidos ocorre de modo muito concentrado entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro – que enviam quase 70% do fluxo ao país e que, somados aos outros dois estados do Sudeste, MG e ES, equivalem a

---

13 Tradução própria. Turismo Nova Zelândia. Mercados e Estatísticas. Disponível em: <http://www.tourismnewzealand.com/markets-and-stats/emerging-markets/latin-america/>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

14 Tradução própria. ETOA. WTM Origin Market Seminar 2013 – Brazil. Disponível em: <http://www.etoa.org/docs/default-source/presentations/2013-wtm-presentation-brazil.pdf?sfvrsn=2>. Acesso em: 20 jan. 2015.

aproximados 76% da origem de todo o fluxo de turistas brasileiros que visitaram os Estados Unidos, em 2013.

**Tabela 11 – UF de residência do turista brasileiro, por país de destino, em 2013**

UF	Estados Unidos	Argentina
SP	49,2	22,2
RJ	20,4	9,1
RS	3,5	20,2
PR	4,8	14,4
MG	5,2	9,3
SC	3,6	5,8
BA	1,2	3,3
DF	2,8	2,5
PE	1,5	1,9
ES	1,5	1,2
Outras	6,3	10,1
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

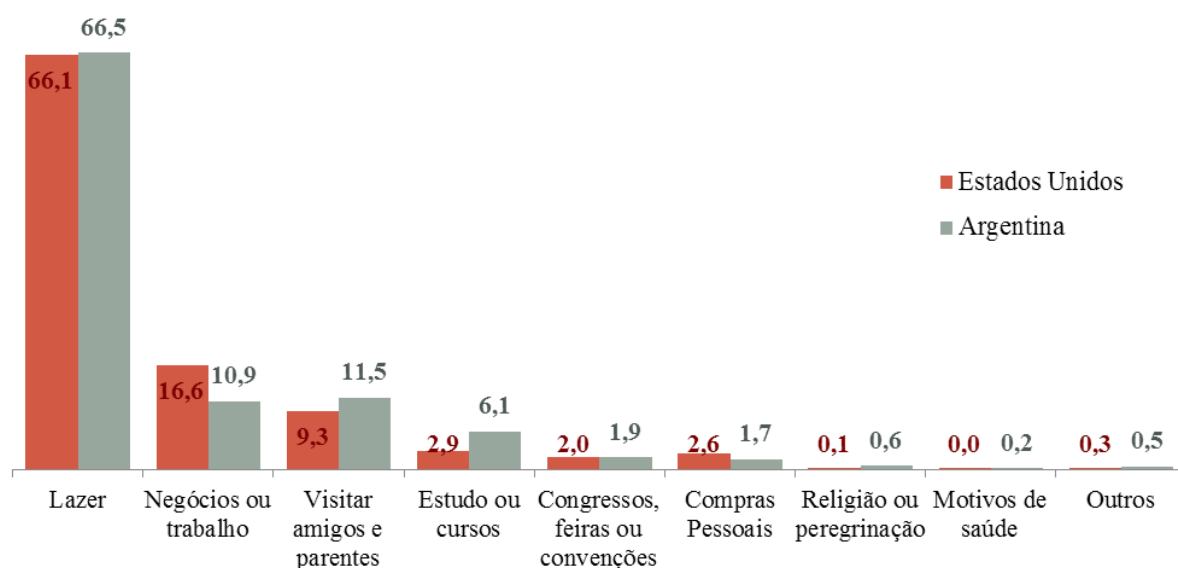
Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Já a origem do fluxo para Argentina não apresenta uma concentração tão intensa por UF de residência dos turistas brasileiros quanto para os Estados Unidos, com residentes, principalmente, de São Paulo (22,2%), do Rio Grande do Sul (20,2%) e do Paraná (14,4). Ainda assim, apenas os sete estados das regiões Sul e Sudeste representam mais de 80% da origem desse fluxo.

No caso da Argentina, a proximidade dos estados da região Sul com as fronteiras Brasil-Argentina/Uruguai, que reduz a distância-tempo de origem-destino, é reconhecida como principal fator de atração de turistas que realizam o fluxo entre Brasil e Argentina, tanto emissivo quanto receptivo, além de outros possíveis fatores que vão de preço, divulgação como destino turístico, cultura e políticas entre países até a ideia de *status* como viajante internacional.

Em 2013, aproximados 66% dos turistas que viajaram à Argentina ou aos Estados Unidos possuíam o lazer como a principal motivação de viagem. A outra motivação mais presente é negócios ou trabalho, para 16,6% dos que viajaram aos Estados Unidos e para 10,9% dos que viajaram à Argentina. Visitar amigos e parentes representou 11,5% do fluxo para a Argentina e 9,3% para os Estados Unidos.

**Figura 32 – Principal motivo da viagem, por país de destino, em 2013 (%)**

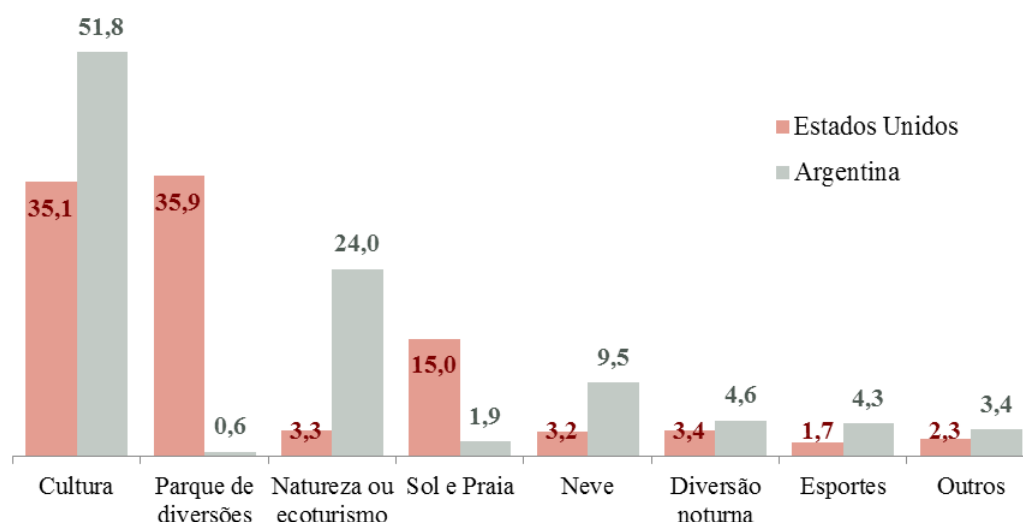


Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Dentre os 66% dos turistas emissivos brasileiros que possuíam o lazer como sua principal motivação de viagem, conforme exposto no gráfico (Figura 32), os elementos de atração dos turistas com destino à Argentina e Estados Unidos foram distintos para cada país, como descritos na Figura 32.

No caso dos Estados Unidos, em 2013, a atração dos turistas a lazer por parques de diversões (35,9%), cultura (35,1%) e ‘sol e praia’ (15,0%) remetem aos parques temáticos da Florida, às praias da cidade de Miami e do estado da Califórnia, e à região metropolitana de Nova Iorque, além da fortíssima influência da cultura norte-americana sobre o Brasil, tanto no que se refere à música, ao cinema e à gastronomia quanto à cultura de marcas e de consumo.

**Figura 33 – Principal atrativo da viagem de lazer ao exterior, por país de destino, em 2013 (%)**



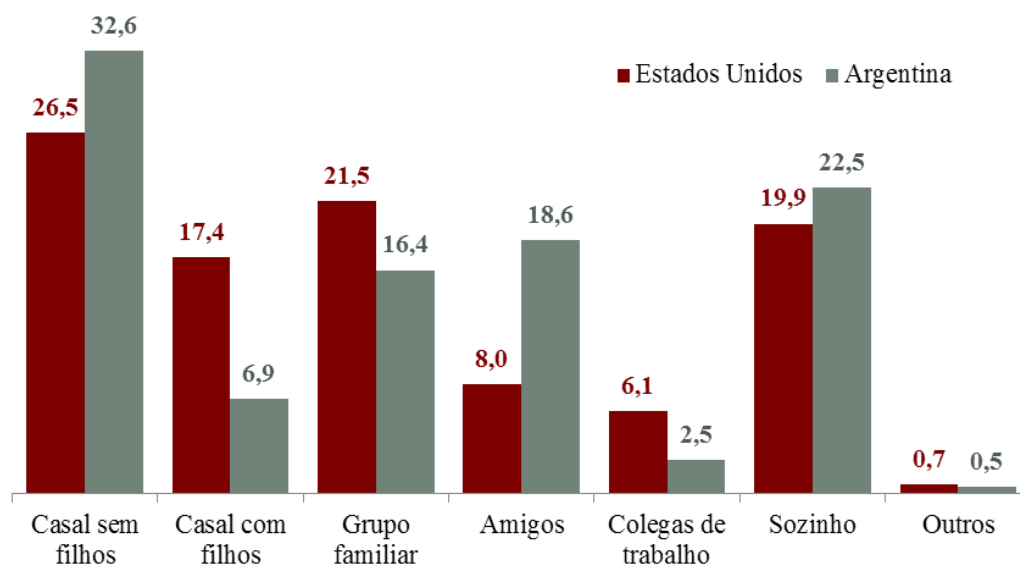
Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Do outro lado, mais da metade dos turistas emissivos com destino à Argentina têm a cultura (51,8%) como principal atrativo de viagem a lazer, seguida por natureza/ecoturismo e neve, que somam 33,5% (Figura 33). Em relação a essas características, é interessante ressaltar que Buenos Aires, que possui forte apelo cultural, é a cidade argentina mais procurada pelos brasileiros. Além disso, o percentual expressivo dos turistas brasileiros à Argentina para o atrativo ‘neve’ pode ser compreendido, em uma reflexão mais imediata, pela ausência deste atrativo em território brasileiro e pela proximidade do setor andino argentino com o Brasil - com destaque para o destino Bariloche, que recebe do Brasil muitos voos fretados na temporada de férias.

Por meio de pesquisas qualitativas e outros possíveis estudos, se aprofundar no entendimento do significado para o turista dessas subcategorias de lazer com as quais a pesquisa estatística trabalha é fundamental para analisar os resultados e gerar conhecimento sobre o turismo.

Sobre a composição dos grupos de viagem de turistas do Brasil, em 2013 (Figura 34), os Estados Unidos receberam, em quase 40% do seu fluxo, grupos familiares e casais com filhos, enquanto que a Argentina se destacou por receber casais sem filhos e grupos de amigos, que somaram 51% do seu fluxo. Aqueles que viajam sozinhos são presenças consideráveis nos dois destinos, correspondendo a 20% do fluxo aos Estados Unidos e 22,5% do fluxo à Argentina.

**Figura 34 – Composição do grupo turístico do Brasil, por país de destino, em 2013 (%)**

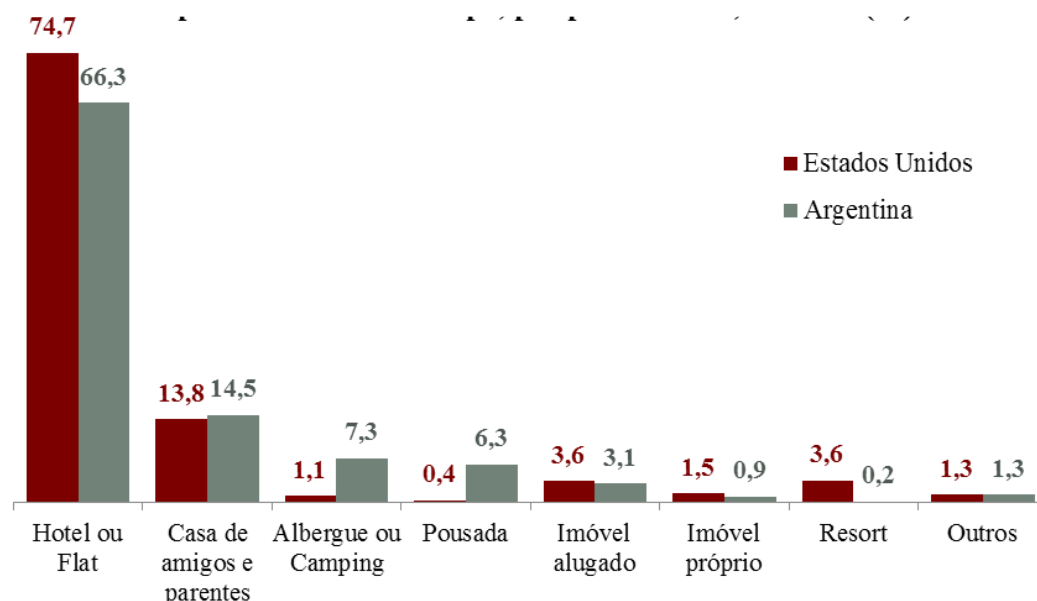


Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

A partir da composição do grupo de viagem, fica interessante observar os principais meios de hospedagem utilizados por esses turistas residentes no Brasil, conforme Figura 35. No caso da Argentina, que possui expressiva proporção de grupos de ‘casais sem filho’ ou ‘amigos’, nota-se um maior percentual de uso de albergue, camping e pousada, em relação aos Estados Unidos (13,6% contra 1,5%). De todo o modo, hotel/ flat foi o principal meio de hospedagem utilizado pelo turista brasileiro na Argentina, com 66,3%.

Já os Estados Unidos, com predominância de grupos familiares, apresenta maiores percentuais nos hotéis, flats e resorts, que somam 78,3% do total do destino contra 66,5% da Argentina. Casa de amigos e parentes é utilizada de modo similar nos dois destinos, sendo 14,5% na Argentina e 13,8% nos Estados Unidos.

**Figura 35 – Principal meio de hospedagem utilizado na cidade em que permaneceu mais tempo, por país de destino, em 2013 (%)**

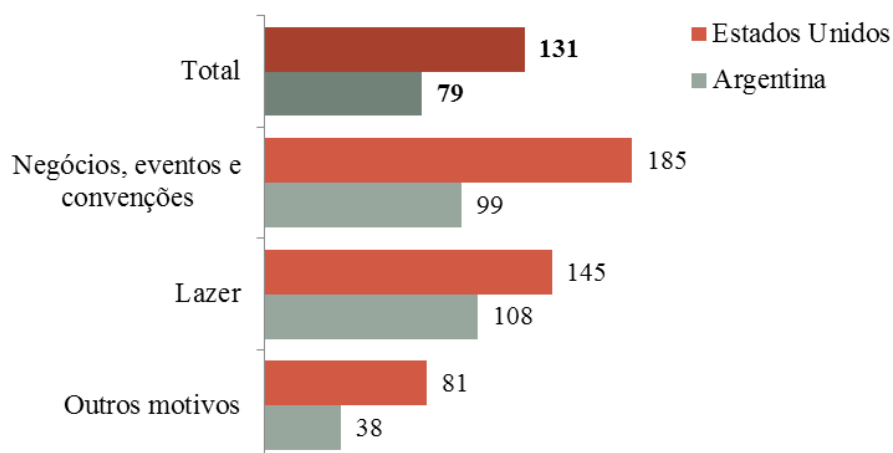


Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Traçado esse primeiro perfil básico da viagem aos dois destinos, as informações dos gastos de 2013 revelam diferenças substanciais entre os países. O gasto médio por pessoa e por dia dos residentes no Brasil que viajam aos Estados Unidos chega a ser 66% maior que os gastos na Argentina, conforme Figura 35.

Ao analisar os gastos entre as motivações de viagem, esses são muito superiores nos dois destinos quando a motivação é negócios, eventos e convenções, e são menores quando lazer e outros motivos, seguindo um comportamento geral do turismo mundial, como exposto no começo deste capítulo.

**Figura 36 – Gasto médio per capita dia, por país de destino, em 2013 (US\$)**



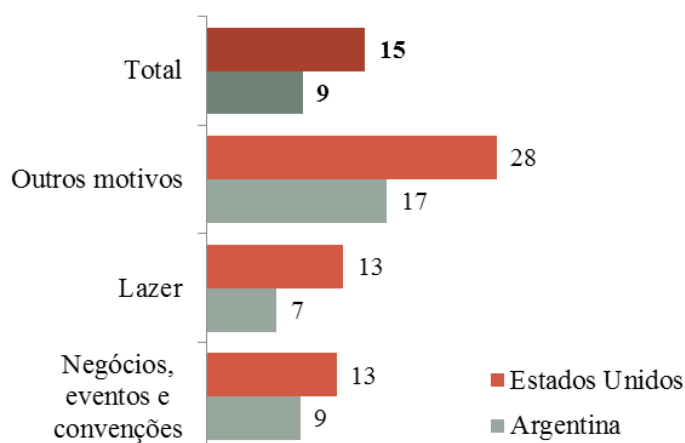
Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Além disso, quando os gastos são considerados por motivação e por destino Argentina/Estados Unidos, a diferença entre os gastos brasileiros são bastante discrepantes. Conforme Figura 36, quando a motivação principal é negócios, eventos e convenções, os gastos nos Estados Unidos chegam a ser quase o dobro do que na Argentina. Assim também ocorre com a motivação de lazer - com os Estados Unidos apresentando gastos 35% superiores aos da Argentina - e outros motivos – com os gastos nos Estados Unidos duas vezes maiores que os na Argentina.

As permanências médias dos turistas residentes no Brasil, em 2013, também apresentam diferenças entre os dois países de destino. Provavelmente, influenciada pela maior distância, a permanência média nos Estados Unidos (15 dias) é 66% maior que na Argentina (9 dias) – mesmo comportamento percentual dos gastos médios.

A maior diferença ocorre quando a motivação é lazer, em que os Estados Unidos (13 dias) apresentam a permanência média 50% maior em relação à Argentina (7 dias), conforme explicita Figura 37.

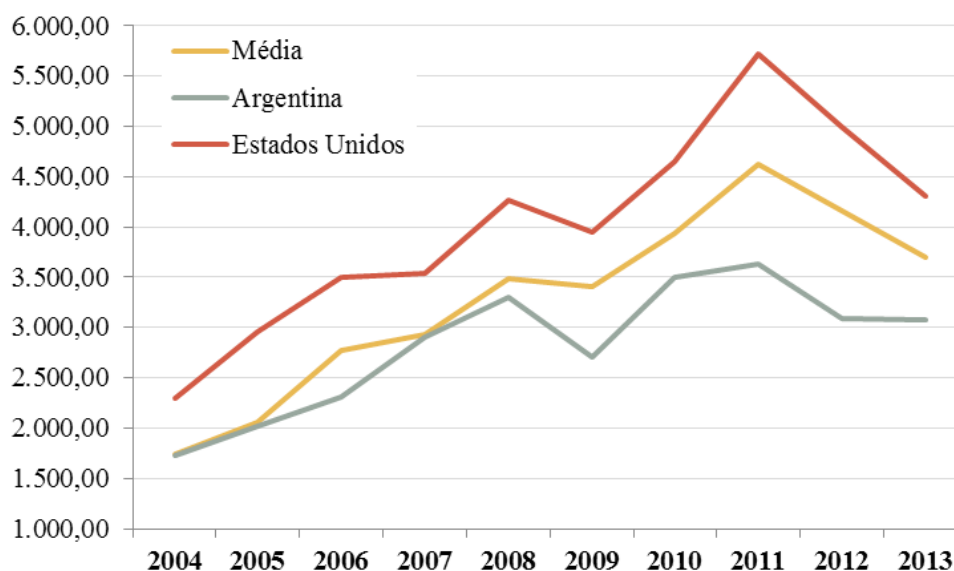
**Figura 37 – Permanência média, por país de destino, em 2013 (dias)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Por fim, a renda média individual dos turistas brasileiros é acima da média geral entre os turistas que visitam os Estados Unidos e abaixo da média entre os turistas que visitam a Argentina (Figura 38). Esses dados, se comparados com o rendimento individual médio mensal do brasileiro que não chegara a dois mil Reais em 2013, indica que apenas uma parcela restrita da população brasileira realiza viagens ao exterior.

**Figura 38 – Renda média individual do turista brasileiro, por país de destino, 2004-2013 (US\$)**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil.

Em relação a visitas a outros países, pode-se observar pelas informações da Tabela 12 que as viagens realizadas aos dois principais destinos do turismo emissivo brasileiro não

agregam de forma significativa visitas a outros países, ao contrário das viagens que ocorrem quando os destinos são países da Europa.

**Tabela 12 – Outros países visitados por turistas brasileiros, por um país de destino, em 2013 (%)**

<b>País Estados Unidos</b>		<b>País Argentina</b>	
México	1,4	Chile	4,0
Canadá	0,7	Uruguai	2,8
Bahamas	0,5	Paraguai	0,8
França	0,2	Peru	0,5
Costa Rica	0,1	Bolívia	0,1
<b>País França</b>		<b>País Itália</b>	
Reino Unido	22,4	França	22,0
Portugal	16,1	Portugal	16,1
Itália	13,0	Reino Unido	10,2
Espanha	11,2	Espanha	7,9
Bélgica	6,4	Suíça	5,4
<b>País Portugal</b>			
Espanha	30,5		
França	15,4		
Reino Unido	9,3		
Itália	7,7		
Holanda	2,8		

Fonte: Elaboração própria com base nos dados não divulgados de MTur. Pesquisa de Caracterização e Dimensionamento do Turismo Internacional no Brasil 2013.

Ao observar viagens em que países europeus, como França, Itália e Portugal, são destinos, a visita a outros países é mais recorrente. Dos brasileiros que visitaram a França, em 2013, 22,4% visitaram também o Reino Unido. Dos que visitaram a Itália, 22% visitaram a França. E dos que visitam Portugal, cerca de 30% também visitaram a Espanha.

Por outro lado, os dois maiores destinos internacionais dos turistas residentes no Brasil não compartilham outros países como destinos na mesma viagem de forma tão expressiva como países da Europa, principalmente, em função das maiores dimensões territoriais dos dois países. No caso dos Estados Unidos, apenas 1,4% dos seus visitantes residentes no Brasil visitou também o México na mesma viagem e 0,7% visitou o Canadá. As viagens à Argentina agregaram visitas ao Chile em 4,0% dos casos e ao Uruguai, em apenas 2,8%.

Em resumo, as diferenças encontradas a partir da segmentação básica do perfil de turistas brasileiros nos dois países de destino mais importantes desse fluxo revela a importância de refletir sobre a atividade nas suas mais diversas escalas geográficas e mostra que as generalizações são muito limitadas para o entendimento da complexidade do turismo,

pois um fluxo não se qualifica em comparação pura ao outro, mas, sim, pelas inter-relações que cada um proporciona ou negligencia no território.

No caso dos dois destinos, é interessante considerar que o que atrai os turistas brasileiros a esses destinos são elementos que ora se divergem ora se convergem. O apelo do turismo de massa a esses destinos específicos inclui as condições econômicas, de acesso e de infraestrutura dos lugares do turismo, assim como inclui a atuação de outros fluxos de massa, presentes nos territórios da globalização, como são os da cultura e da informação.

Mas não se deve ignorar que os fluxos de investimento não percorrem caminhos absolutos e são compostos por dinâmicas financeiras que ultrapassam territórios e origem, fazendo com que não necessariamente uma instituição no território manterá divisas neste território, como no caso de agências de viagens que retêm uma parte de valores no local, mas emitem outra parte para fora do país, em seu país de origem.

A pesquisa do turismo emissivo internacional no Brasil ainda demanda o desenvolvimento de estatísticas mais amplas de caracterização de seu fluxo, com variáveis acerca de quem são esses turistas, os caminhos que eles percorrem rumo ao exterior e as condições e motivações de sua escolha pelos destinos internacionais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estatísticas do turismo internacional brasileiro captam aspectos altamente impactantes da atividade turística do mundo capitalista globalizado, considerando a importância da atividade na economia dos principais países e regiões que conseguem desenvolver fixos e fluxos relacionados à atividade.

Tais estatísticas podem apoiar entendimentos sobre o fenômeno no Brasil, se padronizadas com outras estatísticas relacionadas e se dispostas e analisadas nas diversas escalas temporais e espaciais, considerando sobreposições consequentes e uma periodização que reconheça, no passado, formas e conteúdos do presente.

Como atividade econômica, o turismo permeia o território alinhado às dinâmicas e contradições presentes no capitalismo. Porém, as motivações de viagem não giram apenas sobre fatores econômicos e crises, assim como a atratividade de um lugar para o turismo não ocorre apenas em torno de infraestrutura e *marketing*, pois os fluxos que acompanham os turistas vão além de divisas e informações, embora, no mundo globalizado, a intensidade desses últimos possua importância e dimensões cada vez mais intensas.

Os resultados de trocas desiguais apresentados pelas estatísticas a respeito do turismo brasileiro, tanto em escala nacional quanto nas trocas entre países, revelam a necessidade de repensar a atividade no país e de um planejamento que objetive superar as vulnerabilidades e valorizar a qualidade da atividade no território, superando conhecidas contradições resultantes da lógica de reprodução capitalista do mundo globalizado.

As estatísticas apresentadas, que tratam o turista como consumidor e como um fluxo gerador de divisas entre territórios, nos revelam muito das formas e conteúdos do turismo moderno e poderiam basear estudos que abrangessem temas relevantes para repensar o modelo de atividade que se pretende desenvolver. Vale lembrar como exemplo duas questões sociais caras que as estatísticas do turismo ainda não conseguem lidar: os processos inflacionários, o turismo sexual (que pode incluir prostituição infantil e tráfico de pessoas) e o tráfico de drogas.

Reconhece-se a importância de manter uma série histórica, mas sem deixar de considerar as novas possibilidades de complementar as informações geradas. Mesmo as escalas de avaliações pelos turistas de serviços e estruturas relacionados ao turismo, utilizadas

nessas pesquisas, não comportam mais as transformações que a internet pode impactar na expectativa das pessoas.

A importância das estatísticas para o turismo brasileiro, nas suas diversas escalas temporais e espaciais, é inquestionável. No entanto, há espaço para uma expansão dos métodos e do foco das pesquisas realizadas no Brasil, que pode contribuir para a melhor crítica do planejamento ainda incipiente no turismo brasileiro. Atualmente, por exemplo, é possível mapear os prováveis “espaços de uso do turista” apenas a partir da localização das fotos postadas em redes sociais<sup>15</sup> e é possível conhecer os caminhos que percorre determinado perfil de turista por meio dos *check in* realizados pelas redes sociais.

É preciso gerar informações e estudos de melhor qualidade para o turismo internacional emissor e para o turismo doméstico. Esses – muitas vezes negligenciados em função dos anseios focados na entrada de divisas internacionais do turismo internacional receptivo no país - podem revelar muito do turismo no Brasil e suas dinâmicas de reprodução de segregação social e econômica, para que tais problemas tenham alguma chance de serem superados ou, ao menos, não reproduzidos pelo turismo.

O turista moderno pode ser alienado, como muito se coloca, mas ele não pode ser subestimado no território do turismo. A demanda por padrões internacionais de serviços e de infraestruturas pelo turismo internacional brasileiro resulta em homogeneização e privatização do espaço de reprodução da vida. Porém, as estatísticas acabam focando apenas as posições do país em *rankings* de números absolutos e no turista como emissor de divisas, ignorando um dado básico de que, o viajante, existente desde muitos séculos, pode se deslocar por simples anseio de estar em outro lugar.

É importante, antes de escolher e padronizar métodos e estatísticas, repensar sobre o que o país almeja com o turismo tanto internacional quanto doméstico, ou seja, o que ele deseja com os fixos e fluxos que podem ser desenvolvidos pela e para a atividade e o que se tem hoje em relação a isso, superando a limitada e incessante busca por grandes números e proporções que elevem posições em *rankings* internos e internacionais, de avaliações, que se reduzem a positivas ou negativas, e de expectativas desapontadas ou superadas de turistas sobre os quais, de fato, pouco se conhece.

---

<sup>15</sup> Um exemplo desse tipo de ferramenta é o site *Sightmap*, que utiliza uma base de dados do serviço de fotos do Google chamado Panoramio e cria mapas com rankings e o *heat map* (mapa de calor) dos locais mais visitados do mundo. Disponível em: <http://www.sightmap.com/>. Acesso em: 19 out. 2015.

O risco que se corre sem isso é o de negligenciar o território do turismo e suas possibilidades alternativas e mais equilibradas de ordenamento. Um bom começo seria conhecer o turista como protagonista e o espaço habitado como forma de resistência contra o tipo de turismo que aliena e cria simulacros em detrimento da construção social e histórica do território e das pessoas que o habitam.

Desse modo, o desafio é grande, pois as estatísticas também devem integrar um sistema de informação de larga abrangência e integração espacial, além de continuidade temporal, mantendo potencial de utilização junto a outras informações globais, ao mesmo tempo em que devem considerar especificidades e interesses para o turismo no território nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Turismo. **Anuário estatístico de turismo** – ano base 2013. v. 41. Brasília, 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Estatísticas Básicas do Turismo Brasil 2008-2013**. Agosto 2014. Disponível em: <[http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas\\_indicadores/downloads\\_estatisticas/Estatisticas\\_Basicas\\_do\\_Turismo\\_Brasil\\_2008\\_2013\\_Agosto\\_2014.xlsx](http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/downloads_estatisticas/Estatisticas_Basicas_do_Turismo_Brasil_2008_2013_Agosto_2014.xlsx)>. Acesso em 30 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Indicadores de turismo no mundo 2012**. Brasília, 2013a. Disponível em <[www.turismo.gov.br/dadosefatos](http://www.turismo.gov.br/dadosefatos)>. Acesso em: 15 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Pesquisa de caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil**. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Plano federal estratégico de estatísticas turísticas**: termo de referência. Brasília, 2013b. Disponível em: <[www.iadb.org/projectDocument.cfm?id=38732404](http://www.iadb.org/projectDocument.cfm?id=38732404)>. Acesso em: 30 ago. 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amália I. G.; ARROYO, Mônica; SILVEIRA, Maria L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, 2006.

CRUZ, Rita de C. A. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: ROCA, 2003.

\_\_\_\_\_. Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: LEMOS, Amália I. G.; ARROYO, Mônica; SILVEIRA, Maria L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, 2006.

EUA. U.S. Department of Commerce - National Travel and Tourism Office. **Profile of U.S. Resident Travelers Visiting Overseas Destinations: 2013 Outbound**. 2013. Disponível em: <[http://travel.trade.gov/outreachpages/download\\_data\\_table/2013\\_Outbound\\_Profile.pdf](http://travel.trade.gov/outreachpages/download_data_table/2013_Outbound_Profile.pdf)>. Acesso em: 22 dez. 2014.

FALCÃO, José Augusto Guedes. O turismo internacional e os mecanismos de circulação e transferência de renda. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

FERRARA, Lucrécia. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

PELLEGRINO, Paulo Renato M.; MACEDO, Silvio Soares. Do Éden à Cidade: transformação da paisagem brasileira. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

OMT. **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo (RIET) - 2008**.

Madrid/Nova York, 2010. Disponível em:

<<http://statistics.unwto.org/es/content/recomendaciones-internacionales-para-estadisticas-de-turismo-2008-riet-2008-0>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **UNWTO Tourism Highlights**. 2014. Disponível em:

<<http://mkt.unwto.org/publication/unwto-tourism-highlights-2014-edition>>. Acesso em 14 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **UNWTO Tourism Highlights**. 2015. Disponível em: <<http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>>. Acesso em 29 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **World's Top Tourism Spenders**. Disponível em: <<http://www.etoa.org/docs/default-source/Reports/other-reports/2013-world's-top-tourism-spenders-by-unwto.pdf?sfvrsn=4>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

PANOSSO, Alexandre; PIERI, Vitor Stuart de. **O lugar do turismo no sistema internacional**. Rio de Janeiro: Cenegri, 2013.

RABAHY, W. A. Uma Visão do Turismo no Brasil e suas Perspectivas. In: **I Seminário do Observatório de Turismo do Rio Grande do Sul**, 2014, em Porto Alegre. Anais eletrônicos. Palestra. Disponível em:

<[https://www.turismo.rs.gov.br/download/apresentacao\\_wilson\\_rabahy.ppt](https://www.turismo.rs.gov.br/download/apresentacao_wilson_rabahy.ppt)>. Acesso em: 17 jan. 2015.

RODRIGUES, Adyr. Desafios para os estudiosos do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, p. 17-32.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **O papel do geógrafo do terceiro mundo**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

UNSAM - Universidad Nacional de San Martín. Centro de Investigación y Desarrollo del Turismo (CIDEtur-EEyN). **El Turismo Internacional en Argentina**. Mirador Turístico N.3, 2009. Disponível em: <<http://www.unsam.edu.ar/escuelas/economia/mirador/mirador3.pdf>>. Acesso em 14 set. 2014.

YÁZIGI, Eduardo. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.